



UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR
Artes e Letras

Os Manuais Escolares do Ensino Básico no Ensino da Linguística

Marina Isabel Baltazar do Nascimento - M4247

Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em
Estudos Didáticos, Culturais, Linguísticos e Literários
(2º ciclo de estudos)

Orientador: Professora Doutora Reina Marisol Troca Pereira

Covilhã, 24 de Outubro de 2011

Dedicatória

Aos meus pais que me deram a vida e pelo imenso esforço que sempre fizeram para ser a pessoa que sou hoje e pelo amor incondicional que me têm transmitido ao longo destes anos.

A todos os meus familiares e amigos especiais, que sempre acreditaram em mim e nunca me abandonaram quando eu mais precisei.

Aos alunos que são o impulso da minha verdadeira vocação - SER PROFESSORA.

Agradecimentos

Agradeço a todos os que deram uma contribuição para que esta dissertação fosse realizada.

Em primeiro lugar, agradeço à Professora Doutora Reina, que me orientou na minha dissertação, pelo empenho; disponibilidade que sempre demonstrou e pelas suas recomendações que foram essenciais para que este trabalho contribuísse para o meu desenvolvimento pessoal.

Aos meus pais e irmãs pela minha ausência nas suas vidas enquanto elaborei esta dissertação e porque têm sido o meu Porto Seguro em todas as minhas aventuras.

À uma pessoa muito especial na minha vida, que sempre me estimulou a realizar este trabalho, pelas inúmeras trocas de impressões e correcções ao trabalho e pelas manifestações de encorajamento e companheirismo.

Às editoras que me enviaram os manuais gratuitamente para análise nesta minha dissertação.

Aos meus dois amigos do coração, por me ouvirem nos momentos menos bons da realização deste trabalho e por acreditarem e torcerem por mim em todos os momentos.

Aos amigos que acreditaram e acreditam em mim.

E finalmente a Deus por guiar todos os meus passos.

A todos um muito obrigada do fundo do coração.

Prefácio

Quando a minha amiga Marina, autora deste interessante estudo, me incumbiu de lhe fazer o prefácio, não tive coragem de recusar.

É para mim um gosto e uma honra participar neste trabalho, ao qual lhe foi dedicado tanto esforço e sacrifício.

Procurei na Internet uma frase que me inspirasse e me levasse a comentar a importância da linguagem e a aprendizagem da mesma. Houve uma que me tocou particularmente e com a qual concordo: “*A linguagem é como uma pele: com ela eu entro em contacto com os outros.*” De Roland Barthes (1915 – 1980)¹

A linguagem permite-nos viver e conviver. Com ela expressamos as nossas ideias, convicções, sonhos e emoções de uma forma mais real e objectiva.

O professor aparece neste processo de aprendizagem da língua com um papel preponderante e insubstituível, contribuindo de forma imensurável para uma melhor utilização da mesma. É claro que a escolha dos manuais de língua portuguesa deve ser feita com muita atenção e cuidado pois ainda continuam a ser, nos nossos dias, um utensílio de trabalho usado tanto pelos alunos como professores.

A pormenorizada análise de vários manuais escolares, realizada pela Marina, irá certamente dar um óptimo contributo para que os leitores/professores possam melhorar a sua análise na altura de os escolherem. Também, os autores/editores dos manuais escolares usufruirão desta dissertação, aquando da elaboração dos mesmos.

Helena Borges

(Professora de língua portuguesa no segundo ciclo)

¹ SILVA, Paulo Neves da; Dicionário de Citações. Âncora Editora, 2009

Resumo

Esta dissertação tem como objectivo analisar a evolução do ensino da linguística em manuais escolares do ensino básico e obter conclusões para apoiar na elaboração de novos manuais escolares.

No capítulo 1, efectuei uma introdução ao tema e como o mesmo irá ser abordado ao longo dos restantes capítulos. De igual modo se encontram neste capítulo as explicações das razões para algumas decisões que tomei ao longo do desenvolvimento deste trabalho.

No capítulo 2, fiz um enquadramento teórico sobre o qual iria recair o meu estudo, onde abordei temas como a língua, linguagem, linguística, TLEBS, ensino básico, Disciplina de língua portuguesa e os manuais escolares.

No capítulo 3 fiz uma análise mais exaustiva sobre os manuais escolares, a sua importância e o estado da arte.

No capítulo 4, explicito a analogia dos critérios de comparação que iria seguir, aplicando-os a um estudo amostral. Neste capítulo foi efectuado a análise a seis manuais escolares, cada par pertencente ao final de um ciclo básico, primeiro, segundo e terceiro. Entre cada manual de um ciclo, escolhi o atualmente utilizado e o anterior. Concluí cada (sub)estudo com uma comparação entre cada par de manuais. Finalizei este capítulo com uma reflexão mais abstracta e mais pessoal sobre a evolução da abordagem da linguística nos manuais ao longo dos ciclos básicos.

Por fim, desenvolvi as conclusões sobre o estudo que desenvolvi para redigir esta dissertação.

Palavras-chave

Linguística; Linguagem; TLEBS; Ensino Básico; Manual Escolar

Abstract

The main goal of my thesis is to analyze the evolution of linguistic teaching through textbooks in first and middle schools. I will get some conclusions to provide for help on the elaboration of new textbooks.

In the first chapter, I introduce the subject and how is made its approach in the remaining thesis. Moreover this chapter has some explanations for the decisions I have made during my study.

Chapter two shows the theoretical field, my study is related to. Some topics are included, such as Language, School, Portuguese Course and Textbooks.

I develop a more exhaustive study about textbooks in chapter three, their goal, and the state-of-the-art.

In chapter four, I explain the analogy about some evaluation criteria's I will follow, and I apply them to six textbooks. For each pair of textbooks, I study the previous one and the one is used nowadays.

At the end, some conclusions follow.

Keywords

Linguistics; Language; First and Middle School; Textbook

Índice

Capítulo 1 - Introdução	1
Capítulo 2 - Enquadramento Teórico	3
2.1 Notas Sumárias	3
2.1.1 língua	3
2.1.2 Linguagem	5
2.2 A disciplina de língua portuguesa no ensino básico	7
2.3 Reflexões sobre a Linguística	9
2.3.1 Fonética, Fonologia, Morfologia, Sintaxe, Semântica, Terminologia e Lexicologia	10
2.3.2 Estilística, Pragmática, Filologia	12
2.3.3 A Linguística e outros domínios	13
2.3.4 O saber linguístico	14
2.3.5 A realidade extralinguística	16
2.4 A construção da linguagem	21
2.4.1 Linguagem falada versus linguagem escrita	21
2.5 A pertinência da Terminologia Linguística para os ensinos Básico e Secundário (TLEBS)	23
Capítulo 3 - Manuais Escolares	25
3.1 Origem dos manuais escolares	25
3.2 Os manuais escolares de língua portuguesa e o ensino básico	28
3.3 Novas tecnologias versus Manuais escolares	30
Capítulo 4- Critérios de comparação e estudo amostral	32
4.1 Análise dos manuais	33
4.1.1 Manual de língua portuguesa nº 1 do 4º ano	33
4.1.2 Manual de língua portuguesa nº 2 do 4º ano	36
4.1.3 Comparação entre os dois manuais do 4º ano	39
4.1.4 Manual de língua portuguesa nº 1 do 6º ano	41
4.1.5 Manual de língua portuguesa nº 2 do 6º ano	43
4.1.6 Comparação entre os dois manuais do 6º ano	46
4.1.7 Manual de língua portuguesa nº 1 do 9º ano	47
4.1.8 Manual de língua portuguesa nº 2 do 9º ano	49
4.1.9 Comparação entre os dois manuais do 9º ano	50
4.2 Reflexão: Evolução da linguística nos manuais de língua portuguesa do ensino básico	52

4.2.1 Considerações acerca da escolha dos manuais de língua portuguesa do ensino básico	53
Conclusões	55
Referências Bibliográficas	57
Bibliografia Passiva	57
Bibliografia Activa	59

Lista de Figuras

Figura 1 - Avaliação trimestral do manual 1 - 4º ano	34
Figura 2 - Ficha informativa do manual 2 - 4º ano	37
Figura 3 - Exercício de ortografia do manual 1 - 4º ano	40
Figura 4 - Ficha para apresentação do manual 1 ao aluno - 6º ano	41
Figura 5 - Apêndice gramatical do manual 2 - 6º ano	44
Figura 6 - Guião de leitura da obra “Os Lusíadas” do manual 1 - 9º ano	48
Figura 7 - Exercício de escrita do manual 2 - 9º ano	51

Lista de Acrónimos

LBSE	Lei de Bases do Sistema Educativo
TLEBS	Terminologia Linguística para os Ensinos Básico e Secundário
UBI	Universidade da Beira Interior

Capítulo 1 - Introdução

Esta dissertação tem como objectivo analisar a evolução do ensino da linguística em manuais escolares do ensino básico e obter conclusões para apoiar na elaboração de novos manuais escolares.

Selecionei seis manuais escolares de língua portuguesa adoptados por um Agrupamento de Escolas da Beira Interior. Os manuais escolhidos pertencem a finais de ciclo. Dois do quarto ano de escolaridade, dois do sexto ano de escolaridade e dois do nono ano de escolaridade. Um dos manuais de cada ciclo ainda está a ser utilizado neste ano lectivo e o outro foi o manual adoptado anteriormente.

Verifiquei quais as áreas da Linguística a que os manuais de cada ciclo dão mais primazia. Fiz, também, uma pequena abordagem sobre a organização geral do manual. No final, analisei como é que os manuais apresentam a linguística, desde o primeiro ciclo até ao terceiro ciclo.

A escolha do tema prendeu-se com o facto de se terem introduzido em grande escala as novas tecnologias no ensino, em todas as idades e níveis de escolaridade, descurando a importância dos manuais como ferramenta essencial de aprendizagem mais simples, mais eficaz e mais eficiente para a aprendizagem da linguística.

Sendo o manual escolar uma ferramenta importante no ensino/aprendizagem de uma língua, achei pertinente começar por definir língua e linguagem da qual a «nossa» linguística é parte integrante. De seguida abordei o tema da linguística e a defini tendo em conta os vários focos e as várias áreas que dela fazem parte e a que os manuais escolares dão tanta primazia.

Antes de avançar para a análise dos manuais, abordei o tema da linguagem falada e escrita, porque é muito importante saber que estes são dois meios de comunicação muito diferentes. A escrita só é adquirida depois de aprendermos a língua falada.

Pertinente abordar foi o tema da Terminologia Linguística para os Ensinos Básico e Secundário, assunto que muito se discutiu e com que alguns concordaram e outro discordaram e que tinha como principal objectivo mostrar o avanço da linguística enquanto ciência. As TLEBS levaram mesmo à elaboração de novos manuais escolares, mas, depois de tanta contestação, foram transformadas num Dicionário Terminológico. Este ano lectivo (2011/2012), os docentes de língua portuguesa têm a responsabilidade de iniciar a introdução dos Novos Programas de língua portuguesa no ensino básico.

Os Manuais Escolares do Ensino Básico no Ensino da Linguística

De igual modo, foi necessário falar dos manuais escolares e da sua evolução ao longo dos tempos sendo eles um produto de consumo pelos alunos e professores das nossas escolas. Expliquei a forma como ele é seleccionado pelas escolas e as leis que legislam a sua escolha.

Um factor importante que defini é a organização do ensino básico, pois seria impossível analisar linguística em manuais do ensino básico sem o conhecermos.

Demonstrei, também, a importância das novas tecnologias no ensino da linguística. Pois os manuais trazem imensos materiais informáticos que podem ser utilizados na sala de aula sem que o manual perca a sua importância, mas tenha um valor acrescido quando utilizado digitalmente ou complementado com outros materiais informáticos que são didático- pedagógicos e ajudam a cativar os alunos.

Demonstrei, neste estudo, a forma como a linguística é apresentada nestes manuais e fiz uma comparação entre os dois manuais de cada ciclo: as formas como se organizam, as áreas da linguística a que eles dão mais primazia e como elas são abordadas. No final, analisei como é que o ensino da linguística evoluiu nos manuais escolares do ensino básico e dei a minha opinião para uma melhor organização de novos manuais escolares de língua portuguesa.

Capítulo 2 - Enquadramento Teórico

2.1 Notas Sumárias

2.1.1 língua

A língua, no seu sentido físico, é um “órgão muscular que desempenha um papel significativo na produção e articulação dos sons da fala”²

Contudo, no sentido filológico, a língua considera-se um sistema gramatical que pertence a um grupo de indivíduos, ou seja, permite estabelecer a comunicação entre o emissor e o receptor, através de um código. A mesma é a expressão da consciência de uma colectividade. A língua considera-se o instrumento primordial do entendimento do mundo e é a utilização social da faculdade da linguagem, uma criação da sociedade, mas não imutável; ao contrário, tem de viver em perpétua evolução, paralela à do organismo social que a criou. Todas as línguas evoluem com o tempo, de acordo com a evolução da sociedade.

Desde a infância começa a adquirir-se a língua, o que faz com que as pessoas tenham sempre ideias próprias sobre a sua própria língua, tenham perspectivas comuns sobre o que os falantes habitualmente fazem, sobre “erros” que eles cometem na comunicação. Como por exemplo: a utilização incorrecta de uma forma verbal ou uma concretização verbal fónica diferente dos vocábulos pode originar uma má comunicação.

A língua está intrinsecamente ligada à linguagem. É composta por um conjunto de sons que podem ser reportados para a escrita, respeitando sempre os códigos utilizados por um povo, ou seja, é um “sistema de signos vocais, que podem ser transcritos graficamente, comum a um povo, a uma nação, a uma cultura e que constitui o seu instrumento de comunicação”³.

Uma língua não é só um dicionário ou uma gramática. A língua está sempre ligada à cultura de um povo onde é utilizada.

² XAVIER, Maria Francisca; Dicionário de Termos Linguísticos, Vol. 1, Associação Portuguesa Linguística, Edições Cosmos, Lisboa, 1990 - pág 226

³ CASTELEIRO, João Malaca; Dicionário da língua portuguesa Contemporânea, Academia das Ciências de Lisboa, Edições Verbo, 2001

Como já referi anteriormente, todas as línguas evoluem com o tempo, não são estáticas porque são um meio de comunicação que vai evoluindo conforme a sociedade. Mas, além das mutações que a língua vai sofrendo com o tempo, ela possui outro tipo de variações de igual modo importantes para a comunicação. A língua pode variar de região para região, varia consoante o indivíduo que a usa e varia consoante a sua intenção discursiva. Ou seja, concluímos que existem três tipos de variações. Por um lado, a variação geográfica ou diatópica - (do grego: dia + topos = "através de" + "lugar"). Nas diferentes regiões existem pronúncias, vocabulário e estruturas sintácticas diferentes. Por outro lado, note-se a variação sociocultural ou diastrática - (do grego: dia + stratos = "através de" + "nível"). O nível socioeconómico em que está inserido o indivíduo, o grau de educação também faz com que uma língua apresente variações. Por último, considere-se a variação de modalidade expressiva ou diafásica - (do grego: dia + phasis = "através de" + "discurso"). A circunstância em que o acto da comunicação está a ser realizado também pode apresentar variações. Por exemplo: não utilizamos o mesmo tipo de linguagem numa instituição pública ou num ambiente familiar, porque o grau de intimidade não é o mesmo.

Estas variedades da língua concretizam-se a nível fonético, fonológico, morfológico, sintáctico e lexical. Mas, este tipo de variações na língua não impede que haja uma comunicação normal entre os falantes. Só em raros casos é que o acto de comunicar se torna quase impossível.

No seguimento deste estudo é muito importante definir a diferença entre língua e linguagem, porque uma língua só existe aquando da aprendizagem da linguagem. Uma língua é um conjunto de frases formada por uma série de palavras. A linguagem é algo maior do que a língua, é o que permite que a língua exista. Segundo Tatiana Slama-Casacu⁴ no seu livro - *Language et contexte* - a linguagem não pode existir, manifestar-se ou desenvolver-se a não ser pela aprendizagem de uma língua qualquer. A forma mais frequente de manifestar a linguagem, composta por uma complexidade de processos de mecanismos e de meios expressivos, é a linguagem falada que se concretiza no discurso.

2.1.2 Linguagem

A linguagem, de acordo com Celso Cunha e Lindley Cintra, é «um conjunto complexo de processos - resultado de uma certa actividade psíquica profundamente determinada

⁴ SLAMA-CASACU, Tatiana; *Language et contexte*, Haia, Mouton, 1961

pela vida social - que torna possível a aquisição e o emprego concreto de uma língua qualquer», ou seja, é a capacidade de expressão e de comunicação que faz com que qualquer ser humano utilize um sistema de signos e comunique através dele. A linguagem também pode ser considerada como um sistema de sinais que serve de meio de comunicação entre os indivíduos. Mas, para isso, tem que se atribuir um valor convencional a determinado sinal para existir uma linguagem.

A Linguagem falada só pode existir e manifestar-se a partir do momento em que um indivíduo aprende uma língua, ou seja, é esta aprendizagem da língua que vai fazer com que o indivíduo a desenvolva. Esta linguagem concretiza-se através do discurso, que se manifesta a partir de vários e diferentes processos e meios expressivos.

No que diz respeito à origem da linguagem humana, Frans de Waal⁵, pesquisador responsável na Universidade de Emory, nos Estados Unidos, defende que a linguagem se desenvolve não pela fala, mas a partir da comunicação gestual com as mãos. Este estudo foi efectuado em chimpanzés. Mas com as alterações que foram aparecendo no aparelho fonador dos seres humanos passaram a poder produzir uma variedade de sons muito maior que a dos primatas.

Quando o cérebro do homem se expandiu, diferenciando-se dos seus antepassados que tinham cérebros relativamente pequenos coincidiu com o período do aparecimento das primeiras ferramentas da idade da pedra. Com a necessidade de trabalho, veio a expansão do cérebro e o desenvolvimento da linguagem (comunicação vocal). A comunicação animal primitiva (gestos) evoluiu para linguagem – um avanço qualitativo, segundo Gould⁶. Esse avanço também se deveu ou foi acompanhado pelo desenvolvimento das cordas vocais. O cérebro humano é capaz de fazer abstrações e generalizações para além das que são efectuadas em testes com sucesso em chimpanzés, aos quais os humanos são bastante próximos. O acto de consciência própria tende a aparecer em chimpanzés, não em outros primatas, mas somente os humanos têm a capacidade exponencial de abstração. Esse facto está inerentemente relacionado com a linguagem, uma das características fundamentais de distinção da espécie humana.

Dado que a linguagem escrita é supostamente uma invenção relativamente recente em relação ao aparecimento da espécie humana, então pode não ter sido uma habilidade que evoluiu nos tempos ancestrais da mesma. Na opinião de Gould⁴, a habilidade de ler e escrever deve ter sido um efeito colateral da maneira em que o cérebro se desenvolveu em si. No entanto, na opinião do mesmo autor, é muito fácil redigir uma

⁵ WAAL, F.B.M.; Ape gestures and language evolution. Proceedings of the national academy of sciences, USA, 2007

⁶ Gould, S. J., The Mismeasure of Man. New York, NY: W. W. Norton and Company, 1981

lista de capacidades intelectuais que não evoluíram por seleção natural desde os primeiros primatas. Uma tal lista deve incluir habilidades, tais como, a capacidade de aprender e usar fórmulas matemáticas, compreender jogos complicados como o xadrez e talvez até formar construções linguísticas.

De acordo com Kandel⁷, devido à evolução cerebral, as estruturas que os cérebros foram tendo ao longo dos tempos foram muito importantes para a linguagem. Segundo este autor, esta conclusão só foi atingida após exames aos moldes intracranianos de fósseis humanos. Constatou-se na maioria dos crânios que foram analisados que o hemisfério esquerdo é dominante para a linguagem.

A linguagem, como meio de comunicação, apresenta diversas funções de forma a obter um determinado comportamento ou resposta no receptor.

Segundo Roman Jakobson, a linguagem tem diversas funções⁸. A função emotiva (ou expressiva) revela uma atitude emotiva, na transmissão, inerente à qualquer mensagem. Esta função está presente na poesia lírica, nas biografias, nas cartas de amor, nas anedotas e na publicidade, documentos que são caracterizados por uma forte expressividade. Por outro lado, a função conativa (ou apelativa) pretende influenciar ou convencer alguém de algo, através da mensagem. Daí existir um discurso onde há o uso frequente do vocativo e do imperativo. Esta função da linguagem é frequentemente usada na propaganda política e na publicidade. Já a função metalinguística da linguagem é utilizada para falar dela própria, ou seja descreve o acto de falar ou escrever. Esta função utiliza-se quando na análise de um texto se investiga os seus aspectos morfo-sintácticos e/ou semânticos. Quando o emissor informa o receptor de um acontecimento, a linguagem revela uma função referencial (ou cognitiva). Esta é centrada num discurso objectivo e usada, por exemplo, nas informações jornalísticas e em informações científicas. Em determinadas circunstâncias, necessita-se de prolongar, interromper ou verificar se a comunicação está a ser estabelecida; neste caso utiliza-se a função fática da linguagem. Por último, a função poética (ou estética) surge em poesias, ou em textos não poéticos, tais como, provérbios, lengalengas populares, slogans da publicidade comercial e nas fórmulas da propaganda político-eleitoral, embelezando, enriquecendo ou fortalecendo a mensagem com figuras de estilo e adjectivos.

⁷ Kandel, Eric R.; Schwartz, James, Capítulo "Brain and Behavior", do livro Principles of Neural Sciences, Second Edition, Elsevier, 1985

⁸ JAKOBSON, Roman; Linguística e Comunicação, Editora Cultrix, 2001

2.2 A disciplina de língua portuguesa no ensino básico

A disciplina de língua portuguesa, no ensino básico, é uma das disciplinas mais importantes, senão a mais importante. Verifica-se pela elevada carga horária que ela representa no horário do aluno, no entanto a sua importância reflecte-se na transversalidade que detém com as restantes disciplinas do currículo do ensino básico.

Uma das finalidades desta disciplina, garantida pelo docente, é providenciar ao aluno um desenvolvimento contínuo e crescente, quer a nível escrito como oral da língua materna; ou seja, é muito importante a aprendizagem da leitura e da escrita, tal como o aperfeiçoamento e o desenvolvimento da capacidade dos alunos em termos da compreensão e da técnica.

O aluno, através da aquisição de novos vocábulos promovidos pelo docente, deve ser capaz de fazer interpretações, emitir juízos de valor, estar preparado para criticar e descrever situações quotidianas que o envolvem.

Uma vez adquiridas as primeiras finalidades, o docente deve conduzir o aluno para que este se interesse por assuntos a ele directa ou indirectamente relacionados. Deste modo, vai direccionar o aluno a dar a sua opinião crítica e pessoal sobre os diversos assuntos.

A língua portuguesa, como disciplina, não ensina somente a ler e a escrever. A língua também está incluída na (faz parte da) cultura do país. É a língua que em parte diferencia os povos e os distingue, pois cada povo tem a sua própria língua e a sua própria cultura, mesmo que povos diferentes tenham origens semelhantes. Segundo Onésimo⁹, a criança aprende a língua que se lhe ensina. A língua segue uma determinada estrutura desenvolvida e elaborada colectivamente ao longo de séculos e em poucos anos absorvida pela criança.

A disciplina de língua portuguesa deve facultar processos de “aprender a aprender”, onde o aluno começa a assimilar noções de investigação pessoal, e construção do seu próprio conhecimento. Ao colocar o aluno em acção, surgem as condições para o despertar do gosto pela actualização permanente de conhecimento. O domínio da língua portuguesa por parte do aluno deve ajudar este a ser auto-confiante, a ter iniciativa própria e a acreditar em si, obtendo uma realização pessoal que contribui para o sucesso escolar nas outras áreas curriculares.

⁹ texto publicado em ALMEIDA, Onésimo Teotónio; Revista da Faculdade de Letras, nº 21-22 - 5ª Série, 1996/1997, páginas 15-21

Os Manuais Escolares do Ensino Básico no Ensino da Linguística

Outra das finalidades da disciplina de língua portuguesa consiste em favorecer a interiorização dos princípios universalizantes de justiça, tolerância, solidariedade e cooperação, como se de conceitos se tratassem. O docente de língua portuguesa deve ser criativo, tolerante e solidário para conseguir transmitir estes valores aos alunos. Embora, estes conceitos não pertençam só a esta disciplina, devem ser trabalhados em todas as restantes.

O enriquecimento vocabular, a promoção da língua e a sua própria importância desenvolve na criança um espírito mais aberto, crítico e autónomo para desenvolver as suas capacidades. Nestas ocasiões o docente pode ter um papel de mero orientador.

2.3 Reflexões sobre a Linguística

A Linguística é o estudo científico da linguagem. Esta palavra aparece pela primeira vez em França (linguistique), em 1826 e em 1837 aparece o vocábulo inglês “linguistic”, só mais tarde “linguistics”. Em Portugal, em meados do século XIX, o termo glotologia é mais usado do que linguística para designar a ciência da linguagem.

Esta ciência, a linguística, estuda a estrutura da linguagem: como se forma, a sua origem, a sua evolução e a sua função, e ainda qual o papel da linguagem humana como elemento comum numa sociedade que a utiliza. Um linguista é alguém que se dedica incessantemente ao estudo dessa ciência.

O início do século XX é marcado por uma inovação metodológica na linguística, geralmente assinalada com a obra do linguista suíço Ferdinand de Saussure. Os factos linguísticos passam a ser relevantes no seu aspecto funcional, e a linguística preocupa-se em analisá-los em termos sincrónicos de constância e variação.

A Linguística pode ser definida tendo em conta vários focos.

Considerando o foco da análise, existem os linguistas que estudam a linguagem num dado ponto do tempo, por exemplo:

A linguística descritiva (ou sincrónica) analisa uma língua, ou seja, ocupa-se com a descrição e análise de uma língua pela qual a linguagem actua, que é usada por um grupo de falantes que se situam num determinado tempo;

A linguística histórica (ou diacrónica) estuda o desenvolvimento das línguas através do tempo, ou seja, como é que elas mudam de uma época para outra época, quais as mudanças que isso traz no interior e exterior da própria língua e quais as línguas que influenciaram o seu uso e a sua estrutura;

A linguística teórica estuda como é que as pessoas usando as suas linguagens conseguem comunicar entre si; quais as propriedades que as linguagens têm em comum; qual o conhecimento que uma pessoa deve ter para ser capaz de usar uma linguagem;

A linguística aplicada é o foco que utiliza os próprios conhecimentos da linguística para solucionar problemas, no que se refere ao ensino de línguas, à tradução ou aos distúrbios de linguagem;

Por último, a linguística geral analisa todas as línguas do mundo, em todas as circunstâncias em que ela se emprega, ou seja, preocupa-se com a linguagem humana. Dedicar-se só ao estudo das línguas que hoje estão em uso e são utilizadas por falantes, esquecendo as línguas que se foram extinguindo.

Considerando o que constitui a língua, os linguistas dividem o estudo da linguagem num certo número de áreas, abordadas na sub-secção seguinte.

2.3.1 Fonética, Fonologia, Morfologia, Sintaxe, Semântica, Terminologia e Lexicologia

A **Fonética** é o estudo das características físicas da produção da fala (os chamados fones), em diversas perspectivas: articulação e percepção (fonética articulatória e perceptiva), constituição propriamente física (fonética acústica), funcionamento no sistema (fonética funcional).

A **Fonologia** estuda os sistemas sonoros da língua, ou seja, ao estudar a maneira como os fones (sons) se organizam dentro de uma língua, classifica-os em unidades capazes de distinguir significados, chamados fonemas.

A **Morfologia** é o estudo da estrutura e forma das palavras, ou seja, estuda as classes de palavras, a flexão de cada palavra - morfologia flexional, estrutura, formação e derivação - morfologia derivacional, a qual consiste na combinação de uma base com um afixo, criando novas unidades lexicais.

A **Sintaxe**, apreciação sintáctica, estuda as funções das palavras nas frases, ou seja, estuda as regras de sequenciação das palavras que regem a construção das frases e dos constituintes destas. A disposição das palavras numa frase segue um relacionamento entre estas, mantendo um discurso coerente.

A **Semântica** estuda os sentidos das frases e das palavras que as integram, ou seja, a relação entre as palavras, frases, sinais e símbolos e os seus significados. Em suma, estuda o significado usado pelos seres humanos para se expressarem através da linguagem.

A **Terminologia** é o estudo que se dedica ao conhecimento e análise dos léxicos especializados das ciências e das técnicas, por meio de pesquisas e análises dos termos num dado contexto com o objectivo de documentar e promover o seu uso correcto.

Este estudo pode ser limitado a uma língua ou abranger mais do que uma ao mesmo tempo.

A **Lexicologia** estuda as unidades lexicais. O léxico representa o conjunto das palavras de uma língua. Por isso, a lexicologia procura saber qual a origem, forma e significado das palavras. Pode-se dividir o estudo em léxico mental e léxico comum; o primeiro representa o conjunto de palavras assimiladas, ou seja, os termos que existem na memória de cada indivíduo; o segundo léxico é o vocabulário que é comum à população.

O léxico português não é igual em todas as terras, nem em todas as pessoas. O próprio dicionário de utilização da língua difere de região para região.

Poderíamos dividir todo o léxico da língua portuguesa por um número manipulável de centros de interesse (estes divididos em vocabulários temáticos). Teríamos, por exemplo, o vocabulário relacionado com a saúde, mas dentro deste existem sub-domínios, por exemplo, *farmácias*, *urgências*, *cirurgias* (e ainda *especialidades de cirurgias*), *ambulâncias*, entre outros. Como a língua reflecte a vida das comunidades linguísticas, é natural que o léxico se reparta por domínios (e ainda sub-domínios) de experiência humana.

Em termos de ensino das línguas (incluindo a língua portuguesa), e não apenas do conhecimento destas, o vocabulário (entende-se léxico) tem sido dividido, aparecendo nos manuais escolares, os diferentes temas da vida quotidiana. Por exemplo, numa época festiva (Natal ou Páscoa), durante o ano lectivo, costuma ser habitualmente tratado o centro de interesse das festividades em curso.

Os domínios de experiência, não são isolados. Por exemplo, existem objectos e acções comuns ao tema da festividade em curso e ao mesmo tempo aos centros de interesse do tema da alimentação, o mesmo acontecendo com o vocabulário.

Os campos lexicais são conjuntos de palavras de lexemas delimitáveis dentro da totalidade do léxico. Partilham um domínio comum de significação, por isso têm traços semânticos comuns, mas também têm traços semânticos não comuns. Formam micro-sistemas lexicais.

Esses campos constituem paradigmas lexicais. As palavras de um mesmo campo lexical pertencem à mesma classe, ou são todos substantivos, verbos, advérbios ou adjectivos. Formam um paradigma, porque o falante, ou escrevente, só pode utilizar uma unidade de cada vez no mesmo contexto. Por exemplo, “Hoje é o aniversário do teu ”— “avô”, “filho”, ou “neto”. Em cada frase ou construção linguística o falante ou

escrevente apenas escolhe uma das unidades do paradigma, à semelhança do que sucede com as palavras gramaticais, “livro”, “um livro” ou “um caderno”. Todas estas palavras têm significados próximos, sendo as comuns e as não comuns como referido atrás.

Em relação às famílias etimológicas devemos distinguir famílias etimológicas funcionais e não funcionais. As funcionais também são chamadas por alguns autores campos derivacionais.

Geralmente, nestes conjuntos de palavras encontramos parentesco de significante e de significado. Por outras palavras, os membros de uma família etimológica e sobretudo os membros das famílias funcionais apresentam semelhanças, quer de significante, quer de significado.

No entanto pode não haver semelhanças, nem de significante, nem de significado. E pode haver semelhanças só de significante ou só de significado.

2.3.2 Estilística, Pragmática, Filologia

A **Estilística** é o estudo do estilo na linguagem, ou seja, estuda o uso estético da linguagem, não se esquecendo das suas diferentes aplicações dependendo do contexto e da situação.

A **Pragmática** estuda a linguagem no seu contexto aquando o seu uso na comunicação. Por exemplo, na frase: “Ela disse que está há muito tempo afastado do namorado”, é pragmático, porque não conhecemos as circunstâncias. As frases são tratadas enquanto enunciados produzidos num determinado contexto.

A **Filologia** é o estudo científico das relações e da história de uma língua através de documentos escritos. Tem como objectivo a restauração, fixação e crítica dos textos para o conhecimento do uso linguístico e a história deste, mas também tem em consideração a compreensão da globalidade dos fenómenos culturais, especialmente os de ordem literária, a que ela serve de veículo.

2.3.3 A Linguística e outros domínios

E por último, a linguística pode ainda ser definida considerando as suas ligações com outros domínios.

A **Psicolinguística** estuda a relação entre a linguagem e a mente; ou seja, analisa qualquer processo que diga respeito à linguagem humana. Tem como objecto os processos cognitivos e psicológicos subjacentes à produção e compreensão da linguagem humana verbal.

Como referido por Jakobson¹⁰ em 1963, a psicolinguística confirma um carácter interdisciplinar relativamente à neurologia e à psicologia clínica, dedicando-se ao estudo do discurso originado por distúrbios ou perdas parciais ou totais da fala ou da compreensão da linguagem de doentes mentais, e orientando-se mais recentemente, no campo da linguística, para o nível do discurso, do texto, e para uma abordagem pragmática da linguagem, sem abandonar o interface com os outros níveis linguísticos de análise.

A Sociolinguística estuda a relação entre a linguagem e a sociedade, ou seja, o que é que a linguagem tem a ver com a sociedade onde está inserida, pois os seres humanos vivem organizados em sociedades e são detentores de um sistema de comunicação oral, dito uma língua. Como disse William Bright¹¹, um dos primeiros investigadores acerca de estudos sociolinguísticos: “O objecto da sociolinguística é a diversidade linguística”, ou seja, a sociolinguística deve demonstrar as variações subjacentes à variação linguística e social, relacionar as variações linguísticas observáveis numa comunidade às diferenciações existentes na estrutura social da mesma sociedade. Em suma, a sociolinguística é uma área da linguística que estuda a língua através de factores externos, os quais caracterizam a diversidade e a heterogeneidade linguística da sociedade.

A Etnolinguística estuda a relação entre a linguagem e a cultura (tradições de um povo). Trata das relações entre a língua e a cultura na sociedade a que pertencem os seus falantes. Neste contexto é importante dizer qual a cultura de que se fala. Por isso, Baylon¹² refere que a “cultura é o conjunto das práticas e dos comportamentos sociais que são inventados e transmitidos dentro do grupo” e ainda, “a língua pode revelar os modos de vida e os valores culturais de uma sociedade”.

¹⁰ JAKOBSON, Roman; Essais de linguistique générale. Paris: Minuit, 1963

¹¹ BRIGHT, William; Sociolinguistics: Proceedings. The Hague: Mouton, 1966

¹² BAYLON, C. Sociolinguistique - société, langue e discours. Paris: Nathan, 1991 - páginas 47 e 50

Deste modo, as relações entre a linguagem e a sociedade e a cultura, estudadas pela, sociolinguística e etnolinguística, respectivamente, fazem parte de um todo integrado nos estudos linguísticos.

2.3.4 O saber linguístico

Na disciplina de língua portuguesa, o docente tem como função proporcionar condições para que o aluno desenvolva o seu saber linguístico, que seja adquirido e construído pelo próprio.

Nesse saber podem ser distinguidas duas vertentes: a gramática e o léxico. Devem ser desenvolvidos métodos de gramática implícita, ou seja, regras que permitam a interpretação e a produção de sequências linguísticas sintacticamente bem formadas e semanticamente interpretáveis e o desenvolvimento de um vocabulário mais numeroso e rico. Esta gramática implícita abarca todos os domínios do conhecimento explícito da língua: fonologia, morfologia, sintaxe e semântica. Tradicionalmente, considera-se que a gramática é constituída por duas partes essenciais: a morfologia e a sintaxe¹³.

Para a aprendizagem de uma nova palavra, a criança tem de aprender em primeiro lugar a imagem acústica (o conhecimento do som), tem de ter informação ortográfica ou grafémica. O aprendiz conhece a morfologia flexional se souber flexionar bem a palavra, logo terá informação morfológica. Por exemplo, a partir do lexema *menin-*, o aprendiz é capaz de construir as formas *menin-o*, *menin-a*, *menin-os*, *menin-as*. Este saber é generalista e produtivo, e aplica-se a cada palavra nova adquirida.

Ainda em relação à informação morfológica, o aprendiz para ser capaz de flexionar uma palavra, deverá identificar a categoria gramatical e saber que segue um certo paradigma flexional. A partir desta informação específica, o falante será capaz de aplicar as regras gramaticais previamente adquiridas às diferentes classes de palavras.

O falante conhece a sintaxe da sua língua se é capaz de construir sequências de palavras - sequências bem formadas, ou seja, construir frases gramaticalmente correctas. Se sabe interpretar e produzir construções como “o João tem uma bola” é porque conhece as estruturas possíveis do sintagma nominal. Este saber também é geral, aplicando-se a muitas palavras. Trata-se do saber *gramatical*, relativamente independente do número de entradas lexicais conhecidas.

¹³ CARVALHO, José G. Herculano de, Teoria da Linguagem. Natureza do Fenómeno Linguístico e a Análise das Línguas. (Vol. I e II). Coimbra: Coimbra Editora, 1984

No entanto, o saber relativo a cada uma das entradas lexicais que vão sendo adquiridas pode ser entendido como o saber *lexical*. Tomando, por exemplo, a palavra “emprestar”.

Em relação à informação morfológica, para flexionar esta palavra, o falante deverá identificar a categoria gramatical, ou seja, deve saber que se trata de um verbo, um verbo da primeira conjugação, e que é um verbo *regular*, i. é., que segue um certo paradigma flexional de verbos já conhecidos. A partir desta informação específica, o falante será capaz de aplicar a esta entrada lexical as regras gramaticais previamente adquiridas.

No que consiste à informação sintáctica, trata-se de um *verbo transitivo directo e indirecto*. As construções em que figura deverão ter a estrutura X emprestar Y a Z. É um predicado de três argumentos, sendo o último facultativo, mas, quando existente, precedido da preposição *a*. Esta informação sintáctica permitiria produzir construções gramaticais, estruturalmente bem formadas, tais como “o livro empresta uma página ao gato”. Todavia, tais sequências não são semanticamente interpretáveis nem aceitáveis.

No que diz respeito à informação semântica¹⁴, o falante deve saber que este verbo impõe restrições semânticas aos seus complementos: só *as pessoas* é que emprestam / emprestam a *outras pessoas*; por outro lado, não se emprestam pessoas, mas *objectos*. Por outras palavras, o nome com a função de sujeito e o nome com a função de objecto indirecto devem ter o traço semântico (sema) +HUMANO. O nome com a função sintáctica de objecto directo deve ter o traço semântico -HUMANO (ausência do traço HUMANO).

A partir desta informação, o falante será capaz de produzir frases como “A Marina emprestou o carro (à amiga)”, desta vez, gramaticais e bem formadas, mas também semanticamente interpretáveis. Note-se que esta informação semântica tem alcance sintagmático: as restrições são impostas a elementos que estão antes e depois do verbo. Por consequente, estas informações são, ao mesmo tempo, de carácter sintáctico e semântico.

Falta ainda o valor semântico da entrada “emprestar”. Emprestar não é, semanticamente, o mesmo que *dar*, *trocar*, ou *vender*. É necessária a informação semântica: o significado lexical da entrada, que pode ser definido deste modo: “*Acto de ceder, temporária, e voluntariamente a posse de um objecto a outrem*”

¹⁴ RAPOSO, Eduardo Paiva; Teoria da gramática: a faculdade da linguagem, 2ª edição, Lisboa: Caminho, 1992

Distingue-se, assim, de *vender* como “acto de ceder a *propriedade* definitiva e voluntariamente a outrem, por um certo valor monetário”, ou de *dar*, em que também há transferência definitiva e voluntária da propriedade, mas gratuitamente. No empréstimo transfere-se a posse, como no arrendamento ou aluguer, mas não a propriedade, nem em troca de qualquer valor.

Em suma, o falante, para adquirir uma palavra nova, tem de adquirir antes diversas espécies de informação: a informação fonética - reconhecer e gerar a pronúncia; a informação grafémica - saber reconhecer e produzir a sequência de grafemas utilizados na sua representação escrita; a informação morfológica - saber flexionar a palavra; a informação sintáctica - saber colocar correctamente as palavras nas frases; informação semântica - conhecer os vários significados da palavra; e por último, a informação pragmática - saber em que situações é adequado utilizar a palavra.

2.3.5 A realidade extralinguística

“Existe uma mesma identidade estrutural, entre a perspectiva da estrutura da nossa linguagem e a perspectiva da estrutura da realidade extralinguística que é representado”¹⁵

Os estudos linguísticos, depois de Ferdinand Saussure¹⁶ (pai da linguística moderna), pretendem estudar as línguas naturais em *si mesmas*, enquanto *sistemas de signos*, afastando do seu objecto de estudo a realidade extralinguística.

Ao mesmo tempo, nas escolas, são utilizadas gramáticas que, não seguindo esta orientação *imanentista*, relacionam constantemente as palavras com as coisas; a língua com o mundo que a mesma representa.

Assim, ainda hoje, algumas classes de palavras são estabelecidas com base no critério referencial/designativo. Vejamos algumas definições, apresentadas na gramática de Celso Cunha e Lindley Cintra¹⁷: substantivo - “a palavra com que designamos ou nomeamos os seres em geral”; adjectivo - palavra que “serve para caracterizar os seres, os objectos ou as noções nomeadas pelo substantivo”; verbo - “uma palavra de

¹⁵ GRAÇA, Adriana Silva; Referência e denotação - Um ensaio acerca do sentido e da referência de nomes e de descrições, Dissertação de Doutoramento, FLUL, 1999

¹⁶SAUSSURE, Ferdinand de; Curso de Linguística Geral, São Paulo: Editora Cultrix, 1970

¹⁷ CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. Nova gramática do português contemporâneo, Segunda Edição, Edições João Sá da Costa, Lisboa, 1984

forma variável que exprime o que se passa, isto é, um acontecimento representado no tempo”

Como pode facilmente concluir-se, estas definições assentam no critério designativo/referencial, nas relações que ligam as palavras aos seus designáveis. As classes de palavras são estabelecidas com base na sua referencialidade, tendência que remonta às *partes orationis* (“partes do discurso”) da tradição gramatical greco-latina.

A vivacidade desta tradição mantém-se, mesmo quando a linguística, enquanto ciência, exclui a realidade extralinguística do seu objecto de estudo.

Neste contexto, os docentes de língua portuguesa devem reflectir sobre as relações entre a língua e a realidade que a mesma representa, porque o critério designativo ou referencial poderá constituir uma ajuda para a classificação das palavras, mas não o suficiente. Podem mesmo serem induzidos em erro se não recorrerem a outros critérios.

É uma evidência que as línguas traduzem a vida dos povos, em particular ao nível do léxico, como revelam numerosos estudos de Etnolinguística¹⁸ e até de Etnologia.

O léxico acompanha de perto o *modus uiuendi* de cada comunidade linguística, reflectindo os seus diversos *domínios de experiência* ou *centros de interesse*.

Vestuário, educação, saúde e doença, hábitos de higiene, desportos, alimentação, cozinha, meios de transporte, viagens, vida doméstica, vida sentimental, comunicações, actividades comerciais, profissões e ofícios, arte, meteorologia, religião, animais e plantas, diversões e passatempos, actividade política, relações laborais, problemas económicos, entre outras fazem parte do inventário do *Português Fundamental* e que, de um modo ou de outro influenciam a evolução da nossa linguística (léxico) perante o dia-a-dia.

As diferenças nos modos de viver traduzem-se imediatamente no léxico.

Por exemplo, tomando o léxico relacionado com o fenómeno meteorológico comum, a *geada*, *observemo-lo* no centro do País, acompanhando-o do litoral para o interior.

Em alguns lugares do centro litoral, não é utilizado o lexema *geada*. Utiliza-se apenas o termo *neve*, que serve para representar dois fenómenos atmosféricos diferenciados: a queda de água sob a forma de flocos brancos e a formação de gelo sobre as superfícies,

¹⁸ LIMA BARRETO, Evanice Ramos. Etnolinguística: pressupostos e tarefas. Revista P@rtes, Brasil, 2010.

em noites de céu limpo. Verificamos que, nesses lugares, a geada não constitui um fenómeno preocupante.

Avançando para o interior, para a região de Viseu, encontramos dois termos: *neve* e *geada*. O uso deste segundo lexema tem correspondência na importância de que o correspondente fenómeno se reveste, nesta região: *A geada provoca acidentes, destrói massivamente as culturas agrícolas*, chegando a congelar a água dos radiadores dos automóveis e de canalizações exteriores públicas e privadas.

Assim, a palavra *geada* coexiste com um modo de vida que inclui estas preocupações.

Mais para o interior de Viseu, na região de Castro Daire e Lamego, em vez de um lexema, existem três: *neve*, *geada* e *sincolo*. Nesta região, a geada é considerada um fenómeno moderado, enquanto que o *sincolo* implica temperaturas mais baixas e a formação de flocos brancos nas árvores, alterando a própria paisagem.

Neste caso, o léxico acompanha de perto as características próprias de cada região.

Para exemplificarmos com outro exemplo, relativamente à variação geográfica, bastará verificar que, se nos afastarmos cerca de 20 km da cidade de Viseu, encontraremos meios rurais em que o micro-sistema lexical dos nomes designativos das refeições são, por ordem, *almoço*, *jantar*, *merenda* e *ceia*.

O léxico também acompanha a evolução da vida das comunidades (variação diacrónica). Noutros tempos, na vida escolar dominavam palavras como *carteira*, *lousa*, *mata-borrão*, *pena*, *tinteiro*, *episcópio*, *epidiascópios*, entre outros. Hoje, dominam palavras como *esferográfica*, *marcador*, *corrector*, *calculadora*, *computador*, *retroprojector*, *projector*, *internet* ou *quadro interactivo*.

O léxico não só reflecte a realidade extralinguística, como varia e evolui com a mesma. Mas as palavras que apresentam o comportamento que acabámos de descrever são os *substantivos* (nome), os *adjectivos*, os *verbos* e alguns *advérbios* de modo. Outras classes de palavras apresentam assinalável permanência: determinantes, pronomes, preposições, certos advérbios (e.g. de tempo e de lugar) e conjunções.

São unidades em que predomina a significação gramatical, e que também sofrem alterações, mas com o decorrer de séculos¹⁹.

A revolução informática trouxe consigo muitas unidades lexicais novas. Mas não provocou o aparecimento de um único artigo, pronome ou preposição novos. Cingiram-

¹⁹ CARVALHO, José G. Herculano de, Teoria da Linguagem. Natureza do Fenómeno Linguístico e a Análise das Línguas. (Vol. I e II). Coimbra: Coimbra Editora, 1984

se apenas aos lexemas: nomes, adjectivos, verbos e alguns advérbios (com significação objectiva).

Se for observado a realidade extralinguística através das palavras, verificar-se-á que a mesma realidade é dada como colecção de seres ou objectos e suas propriedades, como colecção de acções.

Nas gramáticas tradicionais, é usual relacionar os substantivos com os seres/objectos, os adjectivos com as qualidades dos seres, e os verbos com as acções.

Quanto aos substantivos (ou nomes), está correcto afirmar que um grande número de substantivos tem como designáveis objectos ou seres. Mas não é aceitável afirmar que todos os substantivos designem seres/objectos. Com efeito, muitos substantivos designam propriedades dos seres (ainda que tomadas como substâncias), por exemplo, *beleza, cidadania, elevação, cortesia e lealdade*. Muitos outros representam acções: *corrida, preparação, organização, lavagem*.

Os adjectivos, não representam, todos, propriedades dos seres, como nos exemplos “*beleza invulgar; grande lealdade; grande corrida; eficaz preparação*”. Todavia, poderemos concordar com a tradição gramatical em que grande parte dos adjectivos representa propriedades de seres/objectos.

Os verbos traduzem, com frequência, acções, mas nem sempre tal acontece, por exemplo, com os verbos *ser* e *estar*, por exemplo, *A sala é grande; Ele está deitado*.

Em jeito de conclusão, do que é aproveitável da tradição gramatical, poderíamos concluir que, na língua portuguesa, se regista a seguinte tendência: os nomes representam, frequentemente, seres/objectivos; os adjectivos representam, com frequência, propriedades dos objectos; os verbos representam, na sua maioria, acções.

Quanto aos advérbios, constituem uma classe muito heterogénea, apresentando propriedades e comportamentos muito diversos. Alguns advérbios podem representar propriedades de acções: *caminhar vagarosamente, escrever apressadamente, ouvir atentamente*. Todavia, o critério referencial não se revela de grande utilidade na classificação dos advérbios. Estes juntam-se frequentemente aos adjectivos, a outros advérbios ou aparecem sozinhos a complementar frases.

Para finalizar este assunto, o léxico (as palavras com significação objectiva) tende a reflectir o mundo de forma diversificada, consoante a classe a que pertencem os lexemas. Contudo, a relação entre classe lexical e a forma de manifestar a realidade não é biunívoca, registando-se sobreposições. Está, assim, aberto caminho para a relativização da referencialidade como critério fundamental na delimitação de classes

de palavras e para a busca de outros critérios linguísticos, já que o critério da referencialidade é extralinguístico: baseia-se na realidade e não na língua, enquanto sistema de sinais.

Apesar de tudo, algumas propriedades referenciais do léxico são recuperáveis na semântica lexical. Deste modo, pode reportar-se aos traços semânticos, ou seja, pode relacionar-se aos componentes do significado lexical das palavras, constituindo verdadeiras entidades linguísticas, como costumam aparecer na análise componencial do significado e na delimitação de paradigmas semânticos/lexicais.

2.4 A construção da linguagem

2.4.1 Linguagem falada *versus* linguagem escrita

Não devemos confundir língua falada com escrita, pois são dois meios de comunicação muito diferentes. A escrita só é adquirida depois de aprendermos a língua falada. A língua falada é mais espontânea, abrange a comunicação linguística em toda a sua totalidade. Além disso, é acompanhada pelo tom de voz e algumas vezes por gestos. A língua escrita não é apenas a reprodução da língua falada, mas sim um sistema mais disciplinado e rígido, que segue certas regras linguísticas, para que a mensagem seja percebida pelo leitor, uma vez que não conta com os gestos e o tom de voz do falante.

Existem usos diferentes da língua devido a diversos factores, por exemplo, no Brasil todos os falantes comunicam em língua portuguesa mas são perceptíveis as variedades na língua. Este tipo de variedades devem-se a diversos factores, dentro deles destacam-se os seguintes: os factores regionais - numa mesma região há variações no uso da língua; os factores culturais - o grau de escolarização e a formação cultural de uma pessoa também influenciam no uso diferente da língua. Ou seja, uma pessoa escolarizada utiliza a língua de uma maneira diferente de uma pessoa que não teve qualquer acesso à escola; os factores contextuais - a forma de falar varia de acordo com a situação em que nos encontramos, quando conversamos com amigos, não usamos os termos que usaríamos se estivéssemos em locais mais formais, como por exemplo, no tribunal; os factores profissionais - algumas actividades requerem o domínio de certas formas de língua chamadas línguas técnicas que possuem termos específicos, como por exemplo, a linguagem utilizada pelos engenheiros, médico e biólogos; e por último, os factores naturais - a utilização da língua pelos falantes sofre influência de factores naturais, como idade e sexo. Uma criança não utiliza a língua da mesma maneira que um adulto.

A língua falada é a língua no momento em que está a ser usada por uma pessoa, utilizando sons, palavras e regras gramaticais dessa mesma língua.

Por isso, a língua falada dispõe de inúmeros recursos rítmicos e melódicos²⁰, como por exemplo, a entoação, pausas, ritmo e gestos, porque, o emissor (pessoa que fala ou transmite uma mensagem numa dada linguagem) está presente fisicamente. Algumas das características principais da língua falada são: frases curtas e inacabadas, porque

²⁰ CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley; Nova gramática do português contemporâneo, Segunda Edição, Edições João Sá da Costa, Lisboa, 1984

foram interrompidas; muitas repetições; esquecimento das regras gramaticais; e a adequação do discurso de acordo com o ouvinte.

No entanto, a língua escrita tem que possuir estruturas gramaticalmente correctas e tem de usar os sinais de pontuação e de acentuação para traduzir os recursos rítmicos e melódicos da linguagem falada. Algumas das características da linguagem escrita são as seguintes: sinais de pontuação e acentuação para transmitir a expressividade que existe na linguagem falada; frases curtas e longas, dependendo do que se quer transmitir; vocabulário diversificado e cuidado; e utilização das regras gramaticais com rigor e precisão.

Em suma, e segundo João de Araújo Correia²¹, “a linguagem escrita portuguesa distancia-se cada vez mais da linguagem falada.”. Na minha opinião, isso deve-se ao facto da diminuição do conhecimento da própria língua escrita por parte das gerações mais novas que utilizam cada vez mais meios de comunicação onde a linguagem é simplificada e há preferência pela utilização de diminutivos.

²¹ CORREIA, João de Araújo; A língua portuguesa, Lisboa: Editorial Verbo [s/d, mas de 1959]

2.5 A pertinência da Terminologia Linguística para os ensinos Básico e Secundário (TLEBS)

A Terminologia Linguística para os Ensinos Básico e Secundário (TLEBS) foi criada por uma equipa de linguistas portugueses para que fosse utilizada no ensino e aprendizagem da língua portuguesa, desde o ensino básico até ao secundário.

Esta terminologia era para ser uma referência nas práticas pedagógicas dos professores das disciplinas de língua portuguesa e de português, bem como na produção de documentos pelo Ministério da Educação em matéria de ensino e divulgação da língua portuguesa e posteriormente na produção de novos manuais escolares.

As TLEBS foram adoptadas, inicialmente, como uma experiência pedagógica provisória, pela Portaria n.º 1488/2004, de 24 de Dezembro, abolindo a Nomenclatura Gramatical Portuguesa utilizada desde 1967.

Esta terminologia linguística foi bastante contestada por educadores, professores, e linguistas, que não estavam de acordo com esta “experiência pedagógica” e com a Terminologia que não era adequada ao ensino da gramática nas escolas.

Professores universitários e intelectuais vieram mostrar, em diversos artigos de imprensa, que as TLEBS possuíam muitas deficiências e não era adequada ao ensino da gramática nas escolas. Por exemplo, o artigo de João Andrade Peres, Professor Catedrático de Linguística da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, apresnetado no Expresso de vinte de Janeiro de dois mil e sete demonstrou os múltiplos erros que a TLEBS apresentava.

Mais tarde, alguns problemas da versão original da TLEBS foram corrigidos, mas muitos permaneceram. Foi a Portaria n.º 476/2007, de 18 de Abril que, determinou que a TLEBS fosse objecto de revisão científica e adaptação pedagógica. Foi durante este processo que a Direcção-Geral de Inovação e Desenvolvimento Curricular do Ministério da Educação, com a colaboração de especialistas apresentou: um documento com uma lista de termos e definições destinadas a professores; e outro documento didático-pedagógico com temas a trabalhar, em cada ciclo e propostas de materiais que os professores poderiam utilizar para leccionar os temas.

Estes documentos foram colocados no sítio da internet da Direcção-Geral de Inovação e Desenvolvimento Curricular do Ministério da Educação, para que toda a comunidade os pudesse consultar.

Esta terminologia linguística continuou a ser muito contestada, sobretudo quando foi aplicada nos manuais escolares e, por consequência, em contexto da sala de aula, o que levou à sua suspensão em 2007 pelo Ministério da Educação para revisão e discussão pública. Esta revisão resultou na redução do número de entradas e em 2008 a TLEBS foi transformada num Dicionário Terminológico.

A TLEBS também teve alguns pareceres positivos por parte de instituições e agentes da educação, como é o caso da Associação Portuguesa de Professores, que, em 2004, apoiou a introdução da TLEBS. Uma das razões foi a grande necessidade de uniformizar a terminologia utilizada no ensino gramatical e a necessidade de actualizar a terminologia de acordo com os avanços na reflexão linguística verificados nos últimos anos. Outra razão foi a oportunidade para revalorizar e reintroduzir na aula de português a reflexão sobre o conhecimento explícito da língua, mais ou menos ausente nas últimas décadas e, por último, a oportunidade para integrar o trabalho sobre o conhecimento explícito da língua no desenvolvimento das competências instrumentais: ouvir, falar, ler e escrever.

Segundo Diana Ferreira, “a adopção da TLEBS vem colmatar a desordem terminológica presente no documento legal em vigor (Nomenclatura Gramatical Portuguesa, de 1967) que estava cientificamente desactualizada.”²²

A constituição da TLEBS tinha como objectivo verificar os avanços da linguística enquanto ciência e construir uma terminologia especializada adequada a instaurar e a descrever os factos linguísticos. Além disso, também, permitiria a criação de instrumentos de trabalho por professores e alunos que fossem reconhecíveis e a delimitaria o que era o conhecimento pedagógico válido na área da linguística, bem como clarificaria a relação entre os saberes escolares e os saberes científicos.

²² FERREIRA, Diana; Prof. Português na E.P. Novas Tecnologias, Revista Bimensal, Edição 16, PROFORMAR, Almada, Outubro 2006

Capítulo 3 - Manuais Escolares

3.1 Origem dos manuais escolares

O livro escolar é um instrumento pedagógico do processo tradicional de escolarização²³. Segundo Luís Vidigal, nos manuais escolares, estão reflectidos os entendimentos dominantes de cada época, relativos às modalidades da aprendizagem e ao tipo de saberes e de comportamentos que se desejam promover²⁴. Os manuais escolares, na sua elaboração são condicionados pelas mudanças sociais, económicas, políticas e culturais, quer nos tipos de saberes que lá vêm representados, quer nos valores que explícitas ou implicitamente transmitem.

Segundo Choppin, os manuais escolares podem ser analisados à luz de quatro dimensões²⁵. O manual pode ser visto como um produto de consumo, dependente das políticas educativas, da evolução demográfica e da capacidade de produção e difusão das empresas ou, por outro lado, considerado um suporte de conhecimentos escolares. Pode ainda servir de veículo de um sistema de valores, de uma ideologia e duma cultura e, por fim, ser visto como um instrumento pedagógico.

São estas dimensões que permitem ficar a conhecer melhor o que é um manual escolar, além de ser considerado um objecto que possui conhecimentos escolares, é um transmissor de culturas e valores, é um instrumento pedagógico utilizado pelos docentes, é também um produto de consumo porque é consumido pela comunidade escolar e está dependente das políticas educativas do momento.

Estas dimensões permitem ajudar a reconhecer elementos que caracterizam, em cada sociedade e em diferentes épocas as diferentes formas e práticas de ensinar.

²³ MAGALHÃES, Justino; “Um apontamento para a história do manual escolar - entre a produção e a representação”. In Rui Vieira de Castro et al. (orgs.). Manuais escolares, estatuto, funções, história. Actas do I Encontro Internacional sobre Manuais Escolares. Braga: Instituto de Educação e Psicologia, Universidade do Minho, 1999 - Página 285.

²⁴ VIDIGAL, LUÍS; “Leitura e manuais escolares em Portugal na 1ª metade do século XX. Intercompreensão. Santarém: Escola Superior de Educação, 1994 - Página 96

²⁵ CHOPPIN, Alain; Les manuels scolaires. Histoire et actualité. Paris : Hachette, 1991

Ao longo da história, «verificamos que o manual passou de objecto raro, frágil, de difícil manuseamento e de utilização colectiva, a um objecto mais comum, de acesso progressivamente mais fácil, e de utilização individual»²⁶.

Ou seja, o manual tornou-se num objecto usual que servia como suporte de conhecimentos e transmissor de valores.

Ao longo dos tempos, as suas funções foram sofrendo algumas alterações.

Por exemplo, no final do século XVIII, o manual é muito importante e é visto como uma enciclopédia onde estão condensadas todas as matérias que são imprescindíveis para o conhecimento. Segundo Justino Magalhães, «apresenta-se como a principal porta de entrada na vida e na cultura»²⁷.

Com o aparecimento da Escola Nova, que tinham como princípios pedagógicos valorizar uma pedagogia activa, o manual deixou de ser visto como enciclopédia. Passou a ser visto como um objecto que pode levar os alunos a ler outras leituras e a procurar outras fontes de informação e formação.

A primeira metade do século XX em Portugal, foi marcada por um regime político de ditadura e a escola teve de se adaptar às políticas da época. O manual passou a ser estruturado em função dos princípios e valores que o estado queria transmitir e é nesta época que surge o livro único, para que não houvesse liberdade na transmissão dos conhecimentos.

Este Regime de Ditadura termina e o livro único também acaba por desaparecer.

Sucedem-se regimes onde a democracia prevalece e os novos manuais que vão aparecendo, também, são reflectores desta nova época. Passa haver mais liberdade na elaboração dos manuais escolares.

Ao mesmo tempo vão aparecendo os avanços técnicos e tecnológicos que fazem com que surjam novas fontes de informação e de referência. No entanto, estes avanços não retiraram ao livro o estatuto de suporte de excelência, ou segundo, François-Marie Gérard e Xavier Roegiers, «de suporte de aprendizagem mais difundido»²⁸. Isto, porque

²⁶ CASTRO, Rui Vieira de; Para a análise do discurso pedagógico. Constituição e transmissão da gramática escolar. Braga: Instituto de Educação e Psicologia, Universidade do Minho, 1995 - Página 62.

²⁷ MAGALHÃES, Justino; “Um apontamento para a história do manual escolar - entre a produção e a representação”. In Rui Vieira de Castro et al. (orgs.). Manuais escolares, estatuto, funções, história. Actas do I Encontro Internacional sobre Manuais Escolares. Braga: Instituto de Educação e Psicologia, Universidade do Minho, 1999 - Página 285.

²⁸ GERARD, François-Marie & ROEGLIERS, Xavier; Conceber e avaliar manuais escolares. Porto: Porto Editora, 1998 - Página 15.

o manual escolar permite o acesso ao conhecimento de forma estruturada e organizada e, também, é uma forma de nivelar as desigualdades sociais, uma vez que todos os alunos têm acesso aos manuais escolares. Uma vez que, o acesso a fontes de informação alternativas é limitado pelo estatuto económico, social e cultural.

A função do manual torna-se ainda mais importante, porque vem fazer com que haja uma ligação entre a família e a escola e assim os pais podem acompanhar os filhos e verificar o que eles aprendem na escola.

Com a evolução da sociedade, o manual escolar foi sofrendo alterações, mas continua a ser a principal referencia daquilo que é dito nas aulas e a forma como estes conteúdos se transmitem e adquirem, embora cada vez mais os docentes recorram a novas tecnologias para transmitir os conteúdos e façam pesquisas para aprofundar os conteúdos dos manuais.

Em Portugal, como já referi anteriormente o manual é a principal fonte daquilo que é dito nas aulas e quem lhe confere este estatuto a Lei de Bases do Sistema Educativo, o artigo 41-2, que refere que o manual escolar é o «recurso educativo privilegiado». Mais tarde são-lhe atribuídas outras funções que tinham como objectivo contribuir para o desenvolvimento das capacidades dos alunos, para a mudança de atitudes e para a aquisição de conhecimentos propostos nos programas em vigor.

Zabalza²⁹ refere: “quando planificam, os professores não trabalham directamente com os programas mas sim com os manuais que funcionam como guias de estruturação da aula”. Com isto quis ele dizer que existe um programa que tem que ser adquirido pelos alunos no final do ano lectivo, mas os professores quando planificam as suas aulas têm sempre em conta a estruturação do manual escolar que possuem para prepararem as suas aulas.

²⁹ ZABALZA, M.; Planificação e desenvolvimento curricular na escola. Porto: Asa Editora, 1992

3.2 Os manuais escolares de língua portuguesa e o ensino básico

No seguimento deste estudo, será analisado como é que os manuais de língua portuguesa do ensino básico abordam os temas inerentes da Linguística.

Daí a necessidade de definir, em primeiro lugar, o que é a educação básica ou o ensino básico e, numa segunda instância, quem é responsável pela adopção dos manuais escolares e quando estes são adoptados.

A educação básica corresponde aos primeiros anos de educação formal.

A Lei de Bases do Sistema Educativo (LBSE) define, nos seus artigos 6.º a 8.º que o ensino básico é universal e gratuito, com uma duração de nove anos escolares, sendo obrigatória a frequência para as crianças entre os 6 e os 15 anos de idade. Esta é a primeira parte da educação escolar, à qual se seguem o ensino secundário e o superior.

A LBSE de 1973 definia que o ensino básico compreendia, nessa época, o ensino primário e o preparatório, tinha uma duração prevista total de oito anos, aos quais correspondia a escolaridade obrigatória. Depois do 25 de Abril de 1974, a LBSE de 1973 nunca chegou a ser totalmente aplicada. Com a publicação da actual LBSE, em 1986, o ensino básico passou a ser constituído por três ciclos, com uma duração total de nove anos.

As escolas públicas onde é realizado o ensino básico têm a designação de "escola básica", existindo várias tipologias, de acordo com os ciclos aí leccionados.

A LSBE diz que o ensino básico compreende três ciclos sequenciais. O primeiro é de quatro anos, o segundo de dois anos e o terceiro de três anos.

A articulação entre os ciclos obedece a uma aprendizagem gradual, atribuindo a cada ciclo a função de completar, aprofundar e alargar os conhecimentos do ciclo anterior.

No que diz respeito à adopção dos manuais escolares, quem define o regime de avaliação, certificação e adopção é a Lei n.º 47/2006, de 28 de Agosto e o Decreto - Lei n.º 261/2007, de 17 de Julho.

A adopção dos manuais escolares é da responsabilidade da escola ou do agrupamento de escolas que os avalia e adequa ao projecto educativo da escola.

Os Manuais Escolares do Ensino Básico no Ensino da Linguística

A adopção dos manuais escolares pelas escolas e pelos agrupamentos de escolas deve ser efectuada pelo grupo de docentes das disciplinas, que devem fundamentar a sua escolha em grelhas de apreciação que foram elaboradas para o efeito, conforme prevê o artigo 3.º da Portaria n.º 1628/2007, de 28 de Dezembro.

Estas grelhas encontram-se no sítio do Ministério da Educação num local online intitulado “Base de Dados de Manuais Escolares” onde é preenchido um inquérito por parte das escolas onde avaliam os manuais escolares em vários parâmetros e que justificam a adopção do mesmo pela escola. Posteriormente é possível verificar no sítio os manuais escolares apreciados, seleccionados e adoptados por cada escola, em todas as disciplinas/áreas disciplinares e para todos os anos de escolaridade e permitindo, também, obter uma estimativa rigorosa do número de alunos, de modo a tornar possível aos editores fazer uma previsão das tiragens.

No que diz respeito aos programas das diversas disciplinas, estes vigoram por um período mínimo de quatro anos nos primeiro e segundo ciclos do ensino básico e de três anos no terceiro ciclo do ensino básico e no ensino secundário, logo a adopção dos manuais escolares é válida por um período mínimo de quatro anos nos primeiro e segundo ciclos do ensino básico e de três anos no terceiro ciclo do ensino básico e no ensino secundário. Não é permitida a alteração à lista dos manuais adoptados depois da sua afixação e durante o período que referi anteriormente, excepto quando o editor ou o autor de determinado manual decidir suspender a sua circulação, ou não assegurar o abastecimento do mercado.

No final de cada período de adopção, as estruturas de decisão pedagógica no primeiro ciclo e os conselhos pedagógicos nos segundo e terceiro ciclos do ensino básico e no ensino secundário devem proceder à aprovação dos manuais escolares para o período seguinte.

Os docentes podem recorrer a meios didácticos além do manual adoptado, desde que estes contribuam para a aprendizagem dos conteúdos programáticos e estejam de acordo com os objectivos pedagógicos definidos nos programas, desde que isso não implique despesas suplementares para os alunos.

3.3 Novas tecnologias *versus* Manuais escolares

Como referido anteriormente, o manual escolar é um recurso primordial no processo ensino/aprendizagem, tanto para o aluno como para o docente.

Mas com o avanço do tempo, o manual escolar também evoluiu e deixou de ser só um objecto com «inúmeras páginas» e passou a trazer alguns recursos didácticos e pedagógicos utilizados por professores e alunos que só surgiram devido ao aparecimento das novas tecnologias.

Os manuais escolares passaram a ser vendidos com uma enorme oferta de software: CDs áudio e DVDs onde apresentam alguns textos que podem ser ouvidos e exercícios que podem ser realizados dentro da sala de aula no computador. Isto porque, a maioria das escolas do nosso país já tem computador e projectador com tela e por vezes até quadros interactivos, logo estes objectos podem ser utilizados como recursos didácticos.

Estes materiais permitem ao docente diversificar mais a aula e torná-la mais atractiva. Pois estamos numa época em que se verifica um rápido desenvolvimento das tecnologias informáticas, com acesso a computadores, CDs e estas mudanças trazem implicações no processo ensino-aprendizagem e é cada vez mais difícil cativar os alunos dentro da sala de aula. Por vezes, o quadro e o manual não são suficientes para cativar o aluno.

Aproveitar as novas tecnologias implica uma mudança na forma de ensinar e aprender. Estes materiais, referidos anteriormente, permitem que alguns textos dos manuais sejam ouvidos, ou seja há um recurso ao som e sejam visualizadas as imagens (vídeo) sem ser uma leitura feita pelo docente ou pelos colegas. O treino dos exercícios de forma interactiva, no computador em que se projecta e toda a turma tem acesso ao exercício ou a resolução dos mesmos num quadro interactivo é algo que motiva os alunos e os deixam mais atentos.

As editoras cada vez mais presenteiam os docentes com ferramentas electrónicas. O manual escolar passou a existir em formato electrónico, o que é muito estimulador para os alunos, pois o docente pode projectar na sala de aula o manual e ajudar sobretudo os alunos com Necessidades Educativas Especiais, porque os caracteres e as imagens podem ser aumentados e o tipo de letra pode ser modificado. Para além disso, os alunos com dificuldade de visão poderão sempre ouvir tudo o que vem no manual.

Com as novas tecnologias o professor terá sempre um papel central, mas cativa mais o aluno.

O docente tem de estar sempre actualizado e atento às novas tecnologias e “A escola não pode ignorar o que se passa no mundo”³⁰, logo tem de oferecer meios para que estes recursos possam ser utilizados pelos professores e alunos dentro da sala de aula.

³⁰ PERRENOUD, Phillipe; Dez Novas Competências para Ensinar. Porto Alegre: Artmed Editora, 2000

Capítulo 4 - Critérios de comparação e estudo amostral

Neste estudo, irá ser analisado a forma como a Linguística é trabalhada em seis manuais escolares de língua portuguesa adoptados por um Agrupamento de Escolas da Beira Interior. Os manuais escolhidos pertencem a finais de ciclo. Dois do quarto ano de escolaridade (primeiro ciclo), dois do sexto ano de escolaridade (segundo ciclo) e dois de nono ano de escolaridade (terceiro ciclo). Um dos manuais de cada ciclo ainda está a ser utilizado neste ano lectivo e outro foi o manual adoptado anteriormente.

Será verificado quais as áreas da Linguística a que os manuais de cada ciclo dão mais primazia. Seguir-se-á, também, uma pequena abordagem sobre a organização geral do manual. No final, verificar-se-á como é que os manuais apresentam a linguística desde o primeiro ciclo até ao terceiro ciclo.

O estudo do tratamento da linguística em cada manual irá seguir a seguinte ordem: fonética/fonologia, ortografia/escrita, lexicologia, morfologia, sintaxe e semântica. Analisarei a tipologia de exercícios que são utilizados nos manuais para explorar estas áreas.

4.1 Análise dos manuais

4.1.1 Manual de língua portuguesa nº 1 do 4º ano

Este manual é constituído por dez unidades. Cada unidade está subdividida em lições. Cada lição é constituída por um texto, actividades de compreensão do texto; exercícios de treino da ortografia e exercícios do conhecimento explícito da língua sobre um tema. Cada tema do conhecimento explícito da língua pode ser ou não acompanhado por uma ficha informativa a explicar o conteúdo e uma ficha de exercícios para aplicar o conteúdo. A lição culmina com uma oficina de escrita ou oralidade, onde os alunos têm de desenvolver a escrita ou a oralidade, aplicando sempre o conteúdo gramatical apreendido nessa lição. Aqui os exercícios são diversificados. Existem exercícios de criação de um texto narrativo, poético, dramático, elaboração de resumos, recontos, debates, entrevistas, cartas, bandas desenhadas, cartazes e preenchimento de fichas de leitura.

Existem três avaliações trimestrais (Natal, Páscoa e Final de Ano) com exercícios de compreensão de texto, exercícios da gramática apreendida até então e oficina de escrita à semelhança do que é apresentado em cada unidade ao longo do livro. Estas avaliações são importantíssimas, tanto para o aluno, como para o docente, para que haja uma revisão dos conteúdos até ao momento leccionados e para a obtenção de feedback da aprendizagem do aluno para o docente. Esta avaliação segue a mesma organização das lições anteriores, ou seja, é constituída pela leitura e compreensão do texto, seguido de exercícios gramaticais e culmina com uma oficina de escrita e oralidade. A figura 1 apresenta um exemplo de uma avaliação trimestral.

Avaliação Trimestral

Noite de Natal

Lá fora havia gelo, vento, neve. Mas em casa do Cavaleiro havia calor e luz, riso e alegria.

É na noite de Natal, em frente da enorme lareira, arramava-se uma mesa muito comprida onde se sentavam o Cavaleiro, a sua mulher, os seus filhos, os seus parentes e os seus criados.

Os moços da cozinha traziam as grandes peças de carne assada e todos comiam, riem e bebiam vinho quente com mel.

Terminada a refeição começava a narração das histórias. Um contava histórias de lobos e urso, outro contava histórias de gnomos e anões. Uma mulher contava a lenda de Tristão e Isolda e um velho de barbas brancas contava a lenda de Af, rei da Dinamarca, e de Sigurd. Mas as mais belas histórias eram as histórias dos Reis Magos, dos pastores e dos Anjos.

A noite de Natal era igual todos os anos. Sempre a mesma festa, sempre a mesma casa, sempre as grandes portas de madeira penduradas nas portas, sempre as mesmas histórias. Mas as coisas tantas vezes repetidas, e as histórias tantas vezes ouvidas pareciam cada vez mais belas e mais misteriosas.

Ilustração de Melti Beymer Andersen, O Cavaleiro da Dinamarca



Actividades

Compreensão do Texto

- Qual é a diferença entre o ambiente dentro e fora da casa do Cavaleiro?
- Quem se sentava à mesa de Natal?
- Assinala com um X os alimentos que estavam na casa de Natal do Cavaleiro:

<input type="checkbox"/> carne assada	<input type="checkbox"/> bacalhau	<input type="checkbox"/> vinho quente
<input type="checkbox"/> vinho quente com mel	<input type="checkbox"/> cerveja com mel	<input type="checkbox"/> bolo-ru
- A noite de Natal era igual todos os anos. O que era hábito fazer depois da ceia?

- De todas as histórias que se contavam naquela noite, quais eram as que mais agradavam ao narrador?
- Parece-te que o facto de a noite de Natal ser sempre igual todos os anos (resagratava ao narrador)? Justifica a tua resposta com uma frase do texto.
- Que semelhanças e diferenças encontras entre a noite de Natal em casa do Cavaleiro e a noite de Natal na tua casa?

Gramática

- Transforma a núcle-base em frase e escreve-a: gostava o duque de Cavaleiro histórias
- Recorda as palavras do texto: gelo, vento, sorvino e anões e assinala com um X a classe a que todas elas pertencem.

<input type="checkbox"/> Nomes	<input type="checkbox"/> Adjectivos	<input type="checkbox"/> Verbos
--------------------------------	-------------------------------------	---------------------------------
- Procura no texto os **adjectivos** que qualificam os seguintes nomes:

+ barbas	+ mesa	+ histórias
----------	--------	-------------
- Rodela o conjunto em que todas as palavras estão no **feminino** e no **plural**.

histórias	coisas	coisas
gramas	brancas	brancas
comas	anões	histórias
pastores	filhos	misteriosas
- Na frase seguinte, **rodela** a verde o **grupo nominal**, a vermelho o **grupo verbal** e a azul o grupo modal.

Naquela noite, uma mulher contou a lenda de Tristão e Isolda.
- Justifica a afirmação: A palavra histórias é uma palavra esdrúxula.

Oficina de Escrita e de Oralidade

- Inventa e escreve uma história de gnomos e anões. Depois, podes contá-la em tua casa, na noite de Natal, ou na sala de aula.

Figura 1 - Avaliação trimestral do manual 1 - 4º ano

O tratamento da Linguística é feito da seguinte forma:

A **fonética** e **fonologia** são trabalhadas através da leitura de textos narrativos, na sua maioria, apresentados em prosa ou poesia, existindo apenas um texto dramático. São também trabalhadas na oficina de escrita e oralidade quando se apresentam actividades como o debate e leitura dos textos produzidos pelos alunos, aos colegas da turma.

A **ortografia** e **escrita** são apresentadas sob a forma de exercícios lacunares, onde os alunos têm de completar palavras com letras ou grupos consonânticos que têm sons semelhantes mas grafia diferente; ou empregar vogais ou consoantes. Aparecem sempre nos textos vocábulos com estes sons ou letras para que os alunos tenham um contacto prévio com eles antes de os utilizarem isoladamente. Outro tipo de exercícios propostos neste manual consiste em inventar frases com algumas palavras fornecidas que têm sons semelhantes mas significados diferentes; completar quadros com mais palavras com os mesmos grupos consonânticos. Nesta área são ainda explorados os conteúdos da divisão silábica, sílaba tónica e acentos gráficos. Aparece uma ficha informativa onde estes temas são expostos em conjunto e uma ficha de exercícios para aplicar os conteúdos. Diferentes tipos de exercícios são utilizados para consolidar os conteúdos referidos: classificar as palavras quanto ao número de sílabas e quanto à

posição da sílaba tónica e ligar acentos gráficos auxiliares de escrita aos seus respectivos nomes e aplicar os acentos ou auxiliares num pequeno texto.

Na **lexicologia** são apresentados temas como a família de palavras, área vocabular e onomatopeias. Estes temas aparecem como já apreendidos no manual, aparecem sob a forma de revisão. Existem, apenas, exercícios para os alunos escreverem palavras de uma família ou área vocabular de um vocábulo.

No que respeita à **morfologia**, são abordadas diferentes classes de palavras: substantivos, adjectivos, verbos, pronomes e determinantes.

Algumas classes de palavras, como é o caso dos adjectivos, não são apresentadas de uma só vez. Por exemplo: numa lição é explicada a flexão em género e número e numa lição posterior são apresentados os graus dos adjectivos. O mesmo acontece com os determinantes e pronomes, em que as suas subclasses não são apresentadas numa só lição mas vão sendo apresentadas, ao longo do manual, uma de cada vez, fazendo-se a consolidação do conteúdo sempre com uma ficha de exercícios. Com a classe dos verbos sucede o mesmo, e além disso, só é apresentado o modo indicativo, as conjugações e a noção de verbo regular e irregular. Estes conteúdos são trabalhados ao longo do manual sempre da mesma forma: identificar a classe; classificar quanto à classe e flexão; copiar do texto palavras de uma mesma classe ou subclasse; completar frases com palavras pertencentes a uma classe que lhe são fornecidas isoladamente; preencher quadros onde é fornecido um dado e têm que chegar a outros dados da mesma classe ou preencher um quadro com dados de uma classe e flexão que são fornecidos previamente; reescrita de uma frase ou parágrafo do texto com flexão diferente dentro de uma mesma classe; discriminar uma classe dentro de um grupo de palavras pertencentes a várias classes; sublinhar em frases uma classe de palavras e classificar quanto à flexão uma determinada palavra; e por último, ligar a classe a outras palavras da sua flexão. Apresentam, também, dois jogos lúdicos, tais como como descobrir na Sopa de Letras uma classe de palavras e pintar num quadro palavras que pertencem a uma classe de palavras. Os exercícios lúdicos nesta faixa etária são importantíssimos para a aprendizagem, uma vez que motivam os alunos que são muito susceptíveis aos jogos e assim vão adquirindo os conteúdos ao mesmo tempo.

Em relação à **sintaxe**, os conteúdos abordados são os seguintes: frase e não-frase; grupo nominal, grupo verbal e grupo móvel; os elementos fundamentais da frase; tipos e formas de frase; e sinais de pontuação

Estes temas são tratados da seguinte forma: é apresentada uma ficha informativa onde os temas são explicados e de seguida é apresentada uma ficha onde os alunos terão de aplicar os conteúdos. Os tipos de exercícios são de transformar frases em não frases e

de classificar as frases; sublinhar um grupo; ligar grupos nominais a grupos verbais e criar grupos nominais para grupos verbais; reescrever as frases alterando a posição do grupo móvel e criar um grupo móvel; criar sujeitos para as frases; indicar tipos e formas de frase, transformar uma frase noutra tipo de frases; no que diz respeito, aos sinais de pontuação estes aparecem como conteúdo já apreendido, apenas se pede aplicação dos mesmos num exercício para ligar cada frase ao sinal de pontuação correspondente.

No que diz respeito à **semântica**, neste manual são trabalhados temas como a sinonímia e a antonímia. Este tema aparece apenas como revisão sem qualquer explicação prévia do mesmo e os alunos têm apenas dois exercícios lacunares para preencher com sinónimos e antónimos. Também já é abordado o tema de palavra primitiva e palavra derivada com uma ficha informativa e uma ficha de exercícios para consolidar o conteúdo, onde os alunos têm de indicar palavras derivadas de uma determinada palavra derivada ou indicar a palavra primitiva das palavras derivadas.

4.1.2 Manual de língua portuguesa nº 2 do 4º ano (utilizado actualmente)

Este manual está dividido em dez unidades. Cada uma corresponde a um mês do ano (de Setembro a Junho). Em cada unidade são apresentados três a seis textos de leitura orientada e um a três temas de gramática e cada unidade culmina com uma lição de Formação Cívica.

Cada Unidade tem uma variedade de lições onde os alunos têm de ler um texto, interpretá-lo e responder a um questionário sobre o mesmo. Em seguida, algumas lições apresentam um exercício de ortografia e um exercício do conhecimento explícito da língua. Culmina com um exercício de expressão escrita. Quando o tema de gramática aparece como novo no final da lição aparece uma ficha informativa e uma ficha de exercícios sobre o tema a tratar. Estas fichas informativas são importantes para o aluno, porque posteriormente quando aparecer um exercício com o mesmo tema, eles podem consultar a esta ficha para relembrar o conteúdo. Uma das fichas informativas está ilustrada na figura 2.



Figura 2 - Ficha informativa do manual 2 - 4º ano

No que diz respeito à **fonética** e à **fonologia** é trabalhada no manual escolar através da leitura dos textos que são, na sua maioria, em prosa ou em verso; existindo, infelizmente, apenas um em banda desenhada, porque é um texto que pertence geralmente ao gosto das crianças.

No início do manual, na primeira lição, são lembrados numa ficha informativa aos alunos as vogais, consoantes, ditongos e dígrafos, muito importantes para o treino da fonética. Esta primeira lição culmina com uma ficha de exercícios onde os alunos têm de distinguir vogais e consoantes, colocar palavras por ordem alfabética, completar lacunas com ditongos orais e nasais e identificar e aplicar dígrafos. De seguida é logo apresentado o tema sílabas e acentuação onde têm que identificar classificar palavras quanto ao número de sílabas e quanto à acentuação e rodear sílabas tónicas e sílabas átonas. Temas como a translineação aparecem como adquiridos e apenas apresentam exercícios nos finais das interpretações dos textos para praticar fazendo a translineação de alguns vocábulos. Parte-se do princípio que estes temas já foram leccionados nos anos anteriores.

A **ortografia** e **escrita** têm um lugar próprio neste manual, como já referi anteriormente, aparecem em algumas lições no final dos exercícios de interpretação do texto. Os exercícios apresentados são na sua maioria exercícios lacunares onde os alunos têm de preencher palavras com letras que têm sons semelhantes (como por exemplo “s” ou “z”; “s”, “ss” ou “ç”; “ch” ou “x”; “c”, “ç” ou “ss”; “g” ou “j”; “m” ou “n”); completar frases com palavras que têm o mesmo som mas grafia diferente (era ou Hera; cumprido ou cumprido; conselho ou concelho; suavam ou soavam; peão ou pião).

A **escrita** também é treinada através dos exercícios que vão aparecendo no final das lições que são diversificados, como por exemplo, escrita de texto narrativos ou poéticos; reconto escrito de um texto narrativo; resumir; elaborar cartazes; elaborar biografias; descrever uma aventura ou imaginar-se numa determinada situação.

No que concerne à **lexicologia** são estudadas a família de palavras e a área vocabular apresentadas numa ficha informativa e logo a seguir a de exercícios. Aqui o objectivo é elaborar áreas vocabulares e família de palavras; e identificar palavras da mesma família num grupo de palavras. Também é tratado o tema das onomatopeias e palavras onomatopaicas mas como adquirido, pois somente aparece um exercício no final do texto para completar com onomatopeias ou palavras onomatopaicas.

No que diz respeito à **morfologia**, os temas tratados neste manual são os seguintes: nomes ou substantivos, determinantes, adjectivos, pronomes pessoais, quantificadores e verbos.

No que diz respeito aos nomes existe uma ficha informativa sobre as diferentes subclasses dos nomes ou substantivos e logo em seguida uma ficha de exercícios onde os alunos têm que identificar palavras de uma classe ou subclasse e completar quadros com palavras que lhe são fornecidas isoladamente ou lhe é fornecido um dado de uma subclasse e têm que chegar a outro tipo de dados, associar nomes masculinos e femininos, classificar morfologicamente um substantivo (subclasse, género, número e grau) escrever nomes no plural, completar quadros com os graus dos nomes.

No que concerne aos determinantes, só são abordados os determinantes artigos, demonstrativos e possessivos. Depois da ficha informativa surgem os exercícios que têm como objectivo identificar a classe dos determinantes e as subclasses apreendidas e completar frases com a subclasse indicada dos determinantes.

No que diz respeito aos adjectivos, o tipo de exercícios é identificar adjectivos e classificá-los quanto ao género, número e grau, escrever frases com adjectivos nos diferentes graus e preencher tabelas com adjectivos nos diferentes graus. Quanto aos

adjectivos numerais e quantificadores numerais a tipologia de exercício é identificar a classe e escrever por extenso o quantificador numeral.

Em relação aos pronomes só é abordado a subclasse dos pessoais que é acompanhada de uma ficha informativa seguida de uma ficha de exercícios para praticar. No que concerne aos exercícios estes têm como principal objectivo, identificar os pronomes e substituir os substantivos por pronomes pessoais adequados.

Com o tema dos verbos - conjugações, modos e tempos sucede-se o mesmo; há uma ficha informativa e uma ficha de exercícios onde os alunos têm de sublinhar formas verbais e ligar as formas verbais ao seu respectivo tempo e modo.

Em relação à **sintaxe**, neste manual são abordados vários temas, tais como, os sinais de pontuação, grupo nominal, grupo verbal e grupo móvel, sujeito e predicado, tipos e formas de frases. Estes temas são trabalhados apresentando uma ficha informativa seguida da ficha de exercícios. A tipologia de exercícios é a seguinte: pontuar um texto com sinais de pontuação e ligar os sinais de pontuação ao seu nome e significado; Sublinhar o grupo nominal, grupo verbal e grupo móvel, identificar os diferentes grupos numa oração, acrescentar grupos móveis às frases e descobrir o sujeito e o predicado numa oração; acrescentar novos elementos numa frase e reduzir frases aos seus elementos fundamentais; escrever formas afirmativas e formas negativas das frases e classificar frases quanto ao tipo e quanto à forma e transformá-las da forma afirmativa para a negativa e vice-versa.

No que diz respeito à **semântica**, o tema tratado são os sinónimos e os antónimos que depois de recordados numa ficha informativa, apresenta os seguintes exercícios para aplicar o tema: ligar palavras aos seus sinónimos e escrever antónimos de palavras.

4.1.3 Comparação entre os dois manuais do 4º ano

Estes manuais são bastante diferentes na sua organização, embora tenham algumas partes que se assemelham, como por exemplo, na tipologia de textos que apresentam que na sua maioria são textos narrativos. Na minha opinião, como docente de língua portuguesa, é muito importante que houvesse mais diversidade de textos, para que os alunos desde cedo tivessem um contacto com eles e adquirissem o gosto de trabalhar e interpretar outros tipos de texto, como por exemplo, artigos de jornais, revistas, bandas desenhadas, poesias e textos dramáticos.

No que concerne às actividades linguísticas, o manual 1 parece-me muito mais completo porque trabalha todos os temas não individualmente, mas utiliza os conteúdos do conhecimento explícito da língua para aplicar depois na expressão escrita. Estes manuais dão igualmente muita importância aos exercícios de ortografia. Na minha opinião, é um factor importantíssimo, porque estamos numa era em que a abreviação das palavras nos SMS dos telemóveis, Salas Virtuais de Conversação e Redes Sociais na internet faz com que o aluno cometa erros fulcrais na escrita. A figura 3 apresenta um exercício de ortografia do manual 1.

Ortografia g ou j

O som **j** pode escrever-se com **g** ou **j**.

Escreve-se **g** no início das palavras antes de **-en** ou **-em** e também antes de **i**.
Exs.: *gente, generoso, gema, gigante, giesta, ...*

Também se escreve no meio das palavras antes de **e** ou **i**.
Exs.: *algeroz, anginas, ...*

Escreve-se **j** antes de qualquer vogal.
Exs.: *janela, alforje, jibóia, rijo, jejum, viajar, ...*

Escreve-se **g** nas palavras terminadas em **-agem** ou **-ugem**.
Exs.: *coragem, garagem, terrugem, ferrugem, ...* (excepção: *pajem*)

Ortografia g ou j

Completa com **g** ou com **j**.

A. ___eneral	G. ___ibóia	N. paisa ___em	T. ___iesta
B. ___enial	H. laran ___as	O. ___irassol	U. gara ___em
C. ___igante	I. ___aponês	P. cora ___em	V. via ___em
D. ___inástica	J. pá ___ina	Q. ___incana	X. ferru ___em
E. en ___eitada	L. re ___eitar	R. penu ___em	Z. ___eitoso
F. pa ___em	M. ___anela	S. ___ovem	K. ___uventude

Figura 3 - Exercício de ortografia do manual 1 - 4º ano

Ambos os manuais expõem o conhecimento explícito da língua da mesma forma, ou seja, os conteúdos são explicados previamente numa ficha informativa, antes da sua aplicação em exercícios. Embora tenham temas que apenas aparecem como revisão e não há uma explicação prévia, isto porque, são manuais de final do 1º ciclo e alguns temas já foram adquiridos em anos anteriores. Os temas tratados são na sua maioria os mesmos e a tipologia de exercícios também. No manual um aparece, por vezes, uma oficina de oralidade, importantíssima nesta idade, porque é uma forma de eles começarem a terem opinião sobre determinados assuntos e aprenderem as regras da comunicação oral e aprenderem a aceitar as opiniões dos outros.

No que diz respeito à **fonética** e **fonologia** estas são trabalhadas através da leitura dos textos e de alguns exercícios que vão aparecendo ao longo do manual onde os alunos têm de dar a opinião sobre um determinado assunto (ouvir/falar).

No que diz respeito à **escrita** e **ortografia** aparecem exercícios ao longo do manual para colocar palavras por ordem alfabética; colocar cedilha; justificar o emprego do hífen; colocar acentos em palavras; e identificar palavras, agudas, graves e esdrúxulas. Outro dos temas tratados é a relação fonética e gráfica entre as palavras: homófonas e homógrafas. O tipo de exercícios é para escrever e completar frases com palavras homógrafas e homófonas; e classificar palavras, atendendo à sua grafia e pronúncia (tema explorado no apêndice gramatical).

Existe também em algumas lições, exercícios em que os alunos têm uma parte dedicada à escrita (escrever) em que os alunos têm de preencher uma ficha de leitura, reescrever um texto evitando repetições, fazer uma descrição, contar por palavras suas o que se passa numa Banda Desenhada, escrever um texto seguindo as orientações que lhe são fornecidas, reescrever um texto acrescentando novos factos, escrever uma frase para legendar um cartoon, redigir uma notícia, legendar imagens e criar provérbios.

No que diz respeito à **Lexicologia**, os temas abordados são os seguintes: formação de palavras por derivação e composição (apêndice gramatical), onomatopeias e família de palavras.

A tipologia de exercícios destes temas é a seguinte: classificar palavras quanto ao processo de formação, indicar a palavra primitiva; assinalar prefixos e sufixos; completar família de palavras utilizando o processo de formação derivação e composição; descobrir palavras derivadas e palavras compostas; identificar onomatopeias; e formar família de palavras.

Em relação à **morfologia**, temas como os nomes, determinantes, adjectivos, pronomes, preposições, conjunções, advérbios e verbos são trabalhados ao longo deste manual.

Ao longo do manual, na parte dedicada ao conhecimento explícito da língua, sem uma ordem lógica, vão aparecendo exercícios gramaticais sobre dois a três temas sem qualquer explicação prévia dos mesmos, o que se torna uma desvantagem se os alunos ainda não tiverem um conhecimento prévio sólido dos temas.

É no apêndice gramatical que estes temas são explicados e explorados mais ao pormenor. O tipo de exercícios sobre estes temas são muito homogéneos, pede-se que se identifique a classe e se identifique a palavra quanto ao género, número e por vezes

grau, se complete quadros com palavras da mesma classe ou subclasse, se complete textos lacunares com palavras de uma classe de palavras ou subclasses, se utilize a classe para ligar frases ou palavras.

Em relação aos determinantes e pronomes já são exploradas todas as subclasses. No que diz respeito aos verbos são explorados todos os tempos e modos, os verbos regulares e irregulares, transitivos e intransitivos.

No que diz respeito à **sintaxe**, neste manual, são trabalhados temas como as funções sintácticas, pontuação, frases simples e complexas e tipos e formas de frase.

O único tema que aparece explicado no apêndice gramatical são as funções sintácticas, todos os outros aparecem ao longo do manual apenas em exercícios para consolidação dos conteúdos. Em relação a este tema, a tipologia de exercícios são de análise sintáctica da frase; identificação do sujeito, predicado, complemento directo e indirecto e complemento circunstancial, alteração da posição do sujeito, substituição do sujeito por outros mais longos, alargamento de frases acrescentando complementos circunstanciais tipos e formas de frases ou redução aos elementos essenciais. Em relação aos outros temas os exercícios são de identificar frases simples e complexas; transformar duas frases simples numa complexa utilizando conjunções para as unir; e pontuar um texto correctamente.

No que diz respeito à semântica, são abordados temas como os sinónimos, antónimos, indicando sinónimos e antónimos de palavras em exercícios.

4.1.5 Manual de língua portuguesa nº 2 do 6º ano

Este manual está dividido em seis unidades. Sendo a primeira dedicada à avaliação diagnóstica e ao conhecimento do manual. Cada unidade tem actividades dedicadas à leitura, compreensão e expressão do oral, à expressão escrita e ao conhecimento explícito da língua. Na sua maioria os textos são narrativos ou poéticos, mas aparecem outro tipo de textos explorados ao longo do manual, como por exemplo, os textos informativos.

No final do manual existe um apêndice gramatical onde são explorados todos os conteúdos gramaticais e os alunos têm exercícios de auto-avaliação para consolidar o conteúdo. Ao longo do manual, vão aparecendo aleatoriamente exercícios de vários conteúdos gramaticais que são trabalhados no apêndice gramatical. Este apêndice é

excepcional, pois apresenta todos os conteúdos gramaticais seguidos de uma ficha de auto-avaliação, o que permite ao aluno fazer a exploração do conteúdo e logo de seguida fazer a sua própria auto-avaliação. A figura 5 apresenta uma página deste apêndice.

Apêndice gramatical

Advérbios

	Advérbios	Locuções adverbiais
tempo	amanhã, hoje, cedo, tarde, ontem, nunca, agora, logo, jamais, outrora, dantes, então	de manhã, à tarde, à noite, em breve, às vezes, de vez em quando
lugar	ali, aqui, cá, lá, acolá, perto, fora, atrás, longe, além, aí, acima, adiante, defronte, debaixo, abaixo	à direita, à esquerda, ao lado, de longe, de perto, em cima
modo	mal, bem, assim, depressa, devagar (e muitos outros terminados em -mente: atentamente, vagarosamente)	à vontade, a custo, em vão, às direitas, às avessas
quantidade ou intensidade	bastante, muito, pouco, nada, demais, demasiado, bem, mais, menos, quase, tanto, tão	de muito, de pouco
negação	não, nunca, jamais	de forma alguma, de modo nenhum
afirmação	sim, realmente, decerto, certamente, efectivamente	com certeza, sem dúvida

Auto-avaliação

- Classifica o advérbio que encontrares em cada uma das frases.
 Ontem, foi feriado.
 Ele correu no prado velozmente.
 Aqui tudo é mais barato.
 A Rita comportou-se bem na festa.
 O Salvador é muito risonho.
- Completa as frases de acordo com as indicações entre parêntesis:
 Ontem a Joana saiu _____ (adv. de tempo) de casa e foi andando _____ (adv. de modo) para a escola.
 O estádio fica _____ (adv. de lugar) do centro da cidade, por isso levamos muito tempo para lá chegar.
 _____ (loc. adv. afirmação) ele virá à festa, pois ele _____ (adv. de negação) falta a esta espécie de acontecimentos.
 Sabes onde fica o edifício do cinema? Fica _____ (loc. adv. de lugar) do Centro Comercial Avenida.

Figura 5 - Apêndice gramatical do manual 2 - 6º ano

No que respeita à **fonética** e à **fonologia** esta é trabalhada neste manual da seguinte forma: exercícios lacunares com palavras iguais na pronúncia e diferentes na sua utilização no contexto frásico, leitura de textos que vão aparecendo ao longo do manual e na reprodução oral dos textos do património literário oral.

A **escrita** e **ortografia** são trabalhadas da seguinte forma: exercícios onde os alunos têm de identificar e indicar palavras agudas, graves e esdrúxulas, classificar palavras quanto à sílaba tónica, completar frases com palavras homófonas e homógrafas temas como os sinais gráficos, translineação; e por fim os sinais de pontuação são explorados no apêndice gramatical. A tipologia de exercícios utilizada para trabalhar estes conteúdos

é a seguinte: fazer a divisão silábica com vista à translineação, pontuar um texto e utilizar os sinais de pontuação adequados na produção de textos escritos que são pedidos no final de algumas lições.

No que respeita à **lexicologia**, ao longo do manual é explorada a formação de palavras por derivação e composição, onde é exposto o tema com uma sessão informativa e culmina com exercícios como forma de auto-avaliação. Aqui pede-se que classifiquem palavras quanto ao processo de formação, identifiquem prefixos e sufixos e formem uma família de palavras através de uma palavra primitiva.

No que concerne à **morfologia** temas como a classe dos nomes, adjetivos, determinantes³¹, pronomes, numerais, verbos³², advérbios, preposições e conjunções são exploradas ao longo do manual. Algumas destas classes aparecem exploradas no final, apêndice gramatical, e outras ao longo do manual com uma sessão informativa e de seguida a sua auto-avaliação. A tipologia de exercícios é a seguinte: preencher grelhas com palavras pertencentes a uma classe; completar frases com verbos em tempos e modos indicados; identificar uma classe de palavras; identificar o grau de uma palavra; colocar um adjetivo noutra grau; completar frases com uma classe de palavras; elaborar frases em que empregue uma subclasse de palavras; completar frases com os verbos nos tempos e modos indicados; identificar a classe e a subclasse a que pertence uma palavra; e elaborar frases em que se empregue uma classe de palavra;

No que diz respeito à **sintaxe** nota-se a ausência do estudo do tema das frases simples e complexas. São somente abordados temas como os tipos e formas de frases e as funções sintáticas³³. As funções sintáticas têm apenas como auto-avaliação onde os alunos devem identificar as funções sintáticas. Os exercícios dos tipos e formas de frase resumem-se em identificar tipos e formas de frases; construir frases seguindo as indicações (o tipo e a forma são fornecidos). Este tema só é explorado no apêndice gramatical.

Por último, temos o tema dedicado à **Semântica** que neste caso é somente os sinónimos e antónimos. O tema aparece desligado um do outro (sinónimo do antónimo), em momentos diferentes do manual em exercícios simples apenas para utilizar o sinónimo ou antónimo de uma palavra, uma vez que é um conteúdo bastante explorado no ciclo anterior.

³¹ Neste manual sempre que é explorada uma subclasse do determinante é explorada a mesma subclasse do pronome em simultâneo.

³² O Modo Indicativo e o modo Conjuntivo são trabalhos em lições diferentes.

³³ Não é abordado no apêndice gramatical como auto-avaliação existe somente um exercício, depois de uma explicação prévia do tema.

4.1.6 Comparação entre os dois manuais do 6º ano

Estes dois manuais de final de segundo ciclo apresentam o estudo da Linguística de forma muito diferenciada. Ambos abordam todos os temas da Linguística mas de forma diferenciada.

No que diz respeito à organização dos manuais, ambos estão divididos em unidades de trabalho e dentro de cada unidade existem lições que compreendem exercícios de compreensão oral e escrita, leitura, escrita e conhecimento explícito da língua. Os dois manuais começam com uma unidade dedicada à avaliação diagnóstica e ao conhecimento do manual - sector importantíssimo. Primeiro, porque possibilita ao aluno conhecer a organização do manual facilitando assim o seu manuseamento ao longo do ano lectivo; segundo a avaliação diagnóstica é de igual forma importante para que os alunos e os docentes fiquem a conhecer as verdadeiras dificuldades da sua turma e quais os temas que estão apreendidos e que será só preciso consolidar. Ambos os manuais possuem um apêndice gramatical, no final do manual, onde expõem alguns conteúdos gramaticais. No caso do manual um o apêndice gramatical é mais extenso, abordando assim mais temas das diversas áreas da linguística.

Verifica-se, também, que a maioria dos textos dos manuais são textos narrativos, embora surjam um ou outro texto dramático, informativo, poético, entre outros, o que não permite mais uma vez desenvolver nos alunos interesse por outros tipos de textos.

No que respeita à **fonética** e **fonologia**, esta é trabalhada de forma diferenciada nos manuais. No manual um recorre-se somente à leitura dos textos e a exercícios onde os alunos têm de fazer uma exposição oral sobre um determinado assunto, enquanto no manual dois, além disto, recorre-se a exercícios lacunares que os alunos têm de preencher com palavras iguais na pronúncia e diferentes na sua utilização no contexto frásico.

No que concerne à **escrita** e à **ortografia** esta também é apresentada de forma diferenciada nos dois manuais. Ambos os manuais abordam temas diferentes da escrita e ortografia, embora alguns temas sejam explorados nos dois manuais. Acresce ainda o facto de o manual um trabalhar a escrita de uma outra forma, pedindo que se faça a escrita e reescrita de alguns textos seguindo as orientações fornecidas. Em relação à ortografia é de salientar que os exercícios já são diferentes dos manuais do 4ºano, pois nota-se um maior grau de dificuldade. Verifica-se que deixa de haver exercícios para completar com letras que têm sons semelhantes mas grafia diferente e passa a existir mais exercícios para completar com palavras que têm sons semelhantes e grafia diferente.

Em relação à **lexicologia** esta, também, é explorada de forma diferenciada nos dois manuais. O manual um explora muito mais temas que o manual dois, utilizando o mesmo tipo de exercícios para explorar os temas. A exploração dos temas, desde que não maçada, é importante para a revisão dos conteúdos.

A **morfologia** é o tema em que a sua exploração é mais análoga nos dois manuais. Os temas apresentados nos dois manuais são os mesmos, embora um manual exponha de forma mais profundo um tema do que outro manual. A tipologia de exercícios para explorar os temas também é semelhante.

No que diz respeito à **sintaxe**, embora a tipologia de exercícios para explorar os temas seja semelhante nos dois manuais, não são abordados os mesmos temas nos manuais.

No que se refere à **semântica**, o tema explorado nos dois manuais é o mesmo, embora o tipo de exercício seja diferente.

Outro factor importante a ter em conta na análise destes manuais, é que eles só apresentam exercícios sobre alguns temas da linguística, e que também não estão em afinidade quanto à forma como estes são explorados, isto porque um manual apenas apresenta exercícios para explorar um certo tema e outro manual faz uma breve exposição do tema antes de fazer a sua auto-avaliação do mesmo.

Tendo os alunos que adquirir certas competências no final do segundo ciclo e com tanta heterogeneidade na produção dos manuais, cabe ao professor a difícil tarefa de escolher um manual que melhor explore o que ele tem de trabalhar ao longo do ano lectivo.

4.1.7 Manual de língua portuguesa nº 1 do 9º ano

Este manual de final de 3º ciclo, só por essa característica, é um manual diferente na sua complexidade organizacional.

Este manual é composto por seis unidades. No que concerne à primeira, é onde os alunos têm um conhecimento prévio sobre o que vão estudar e assinam um compromisso onde afirmam realizar algumas tarefas ao longo do ano lectivo, e apresenta uma avaliação diagnóstica, tarefa importante a realizar em todos os anos para que seja feito um reconhecimento de competências naquele momento do ano e para que haja um ponto de partida por parte do docente para a exploração dos conteúdos. Temos também duas unidades didácticas dedicadas ao texto narrativo, uma

ao texto poético, uma ao texto dramático e, por último, uma unidade intitulada «Aprender sozinho» onde aparecem alguns exercícios do conhecimento explícito da língua e os alunos no final têm uma auto-avaliação dos mesmos.

Antes de começar a analisar a linguística destes manuais, é de salientar que este é um manual de final de terceiro ciclo com alguma complexidade, quer no tipo de exercícios que apresenta, quer na forma como ele se organiza. Cada unidade é dividida em lições. Cada lição pode compreender exercícios para serem efectuados antes da leitura; compreensão do texto; exercícios de aprofundamento do texto; actividades do conhecimento explícito da língua; e por último actividades de escrita ou ouvir/falar.

No que diz respeito à **linguística**, mais propriamente à **fonética** e **fonologia**, é um livro muito rico porque, para além de apresentar muitos textos, alguns destes textos são extractos de obras, acompanhados por guiões de leitura. Os alunos têm que posteriormente ler essas na íntegra, como leitura orientada, para que haja uma compreensão global da mesma. O livro apresenta ainda alguns exercícios onde os alunos terão que dar a sua opinião oralmente sobre um determinado assunto. A figura 6 ilustra um guião de leitura orientada muito importante para a compreensão de uma obra.

Guião de Leitura Orientada 1

Aprofundamento da leitura

1. Nas estâncias 1-3, facilmente se constata que o poeta se propõe glorificar os Portugueses.

1.1. Demonstra-o com expressões do texto.

1.2. Na estância 3, essa glorificação é hiperbolizada. Que versos, em teu entender, melhor o ilustram?

2. Pode concluir-se que:

2.1. o herói de *Os Lusíadas* é:

- o exército português
- o Povo português
- D. Sebastião
- a armada portuguesa
- Vasco da Gama

2.2. Justifica, socorrendo-te, uma vez mais, de um dos versos do poema.

3. Clarifica o sentido de:

a) «Da Ocidental praia Lusitana»;

b) «E aqueles que por obras valerosas / Se vão da lei da Morte libertando»;

c) «Cesse tudo o que a Musa antiga canta, / Que outro valor mais alto se alevanta.»

4. Completa esta adaptação em prosa, proposta por Amélia Pinto Pais:

É minha intenção louvar os heróicos navegadores que, saídos de Portugal, seguiram por mares nunca dantes navegados, ultrapassando a fraça força humana, e, assim, ultrapassaram a ilha de Ceilão [...], tão longínqua e difícil de atingir.

Louvarei também _____. [Espaço a completar com uma adaptação em prosa, da tua autoria, da estância 2.]

É meu desejo que os heróis antigos, navegadores como Ulisses, o sábio grego, e também Eneias, o Troiano – guerreiro célebre como Alexandre Magno, e como Trajano, grandes conquistadores e senhores de grandes impérios, sejam esquecidas porque os navegadores e conquistadores que eu vou louvar, portugueses e valentes, os ultrapassaram, pelas suas navegações e conquistas. De resto, eu vou cantar o peito ilustre lusitano/a quem Neptuno e Marte obedeceram. Por isso, é meu desejo que cesse tudo o que a Musa antiga canta/que outro valor mais alto se alevanta, - o do _____. [Espaço a completar com a resposta a 2.1.] a que me orgulho de pertencer.

Proposta de Leitura recreativa

Algumas adaptações em prosa de *Os Lusíadas*:

Os Lusíadas de Luis de Camões

OS LUSÍADAS
de LUIS DE CAMÕES
CENTO E CINCO TERCEIROS
E EMBRADOS, AO VENTO

Os Lusíadas em prosa

Les Lusíades en Prose

Em 1.1., os alunos devem destacar as seguintes referências: «barões assinalados» (est. 1, v.1); «memórias gloriosas daqueles reis» (est. 2, v.1-2); «aqueles que por obras valerosas» (est. 2, v.5); «o peito ilustre lusitano» (est. 3, v.5).
Faça notar a valoração positiva que apresenta no emprego do adjectivo.

Em 1.2., os alunos podem optar pelos versos 5-6 ou 7-8.

Em 2.2., faça notar: «canto o peito ilustre lusitano»
↓
parte do corpo considerada como tendo a capacidade de iniciativa e o ânimo (o que dá coragem, valor)

Em 3., releve também:
- o recurso à perífrase em a) e b);
- o valor hiperbólico dos verbos transitivos em c) e o sentido implícito de «o valor mais alto», o do Povo português.

Faça notar, ainda, que os versos citados em c), da estância 3, incluem a hiperbolização (cf. v.5), dos feitos marítimos (alusão a Neptuno) e guerreiros (referência a Marte) dos Portugueses.

Sobre 4., ver pag. anterior.

Figura 6 - Guião de leitura da obra “Os Lusíadas” do manual 1 - 9º ano

No que concerne à **escrita** e **ortografia** o mesmo se passa, pois existem imensas perguntas de compreensão dos extractos de obra, ou seja, exercícios de compreensão do texto, exercícios de aprofundamento da leitura e ainda podem treinar a escrita através do treino e modelos de técnicas de escrita (diálogo, carta, entrevista, resumo, convite, recado e acta).

No que diz respeito às outras áreas da linguística: **lexicologia**, **morfologia**, **sintaxe** e **semântica** denominadas também por “gramática” pela população estudantil, verifica-se que esta é muito pouca explorada ao longo do manual, mas vão aparecendo alguns exercícios aleatoriamente ao longo do mesmo para os alunos resolverem. Todos os conteúdos aparecem como adquiridos e servem apenas de treino. Sendo este um manual de final de terceiro ciclo parte-se de do princípio que todos os conteúdos gramaticais já estão adquiridos, daí a necessidade de só haver uma consolidação dos temas, embora o aluno tenha a unidade cinco do livro intitulada “Aprender sozinho” onde são explorados alguns conteúdos gramaticais caso lhe surjam dúvidas sobre alguns temas.

Este manual dá sem dúvida primazia à análise textual e ao estudo dos diversos modelos e técnicas de escrita, que nos manuais dos outros ciclos não se verificava.

4.1.8 Manual de língua portuguesa nº 2 do 9º ano

Os dois manuais são muito semelhantes na sua organização. Este manual é dividido em cinco unidades. Na unidade um são apresentadas actividades preparatórias, onde há uma apresentação prévia das obras para leitura orientada propostas pelo programa e a avaliação diagnóstica; a unidade dois dedica-se ao texto dramático; a unidade três ao texto narrativo em prosa; a unidade quatro ao texto narrativo em verso; e por último a unidade cinco dedica-se ao texto poético. Esta divisão é muito útil para que os alunos tenham a noção da importância e da pertinência dos diferentes tipos de texto.

Cada unidade é composta por uma panóplia de textos e com actividades de compreensão de texto, e alternadamente são apresentados exercícios de escrita do conhecimento explícito da língua, ouvir-falar, ler e investigar. Ao longo do manual vão também aparecendo algumas fichas informativas sobre conteúdos gramaticais mais complexos e a sua posterior aplicação de conhecimentos numa ficha de exercícios.

No que diz respeito à **linguística** sem dúvida que este é um manual que dá primazia à fonética, fonologia e escrita e ortografia.

A **fonética** e **fonologia** é treinada através da leitura de textos que vão aparecendo ao longo do manual e através de pequenos textos de autores de grandes obras para complementar o estudo de um determinado tema. Surgem também as obras de leitura orientada obrigatórias, em que apenas aparecem extractos dessas mesmas obras nos manuais e os alunos têm que as ler na íntegra. Também aparece um tema intitulado «ouvir-falar» que é onde os alunos exploram temas como o debate, ou então é pedido que os textos dramáticos sejam lidos pelos alunos «vestindo-se na pele das personagens».

No que concerne à **ortografia** e **escrita**, este é também um manual muito rico porque temos as chamadas «perguntas de interpretação» sobre o texto. Esta compreensão do texto é bastante exaustiva e aprofundada, pede-se também que os alunos construam alguns textos sobre um determinado assunto, uma carta, um resumo, uma descrição, uma entrevista, um diálogo, ou uma notícia.

As outras áreas da linguística são trabalhadas na parte dedicada ao conhecimento explícito da língua, em que aparecem exercícios que os alunos têm de resolver, partindo do princípio que estes conteúdos já estão adquiridos. Por vezes ao longo do manual, aparecem temas mais complexos ou que se parte do princípio que se deve aprofundar nesta faixa etária como é o caso da conjugação perifrástica, orações subordinadas, concordância do verbo e do atributo e recursos expressivos que são acompanhados de uma ficha informativa e de seguida de exercícios para aplicação dos conhecimentos.

4.1.9 Comparação entre os dois manuais do 9º ano

Estes manuais são muito semelhantes na sua organização. Ambos estão divididos em unidades. Sendo a primeira unidade utilizada para que seja feita uma auto-avaliação dos conhecimentos do aluno e a exploração do manual. Também se pode notar que estes manuais têm uma diversidade de textos muito grande, pois, cada um dos capítulos se dedica a um tipo de texto (narrativo, poético e dramático) o que não acontecia nos manuais dos ciclos anteriores. No que concerne à Linguística, sem dúvida que os dois manuais dão prioridade à fonética, fonologia e escrita. A figura 7 apresenta um dos exercícios de escrita do manual 2.

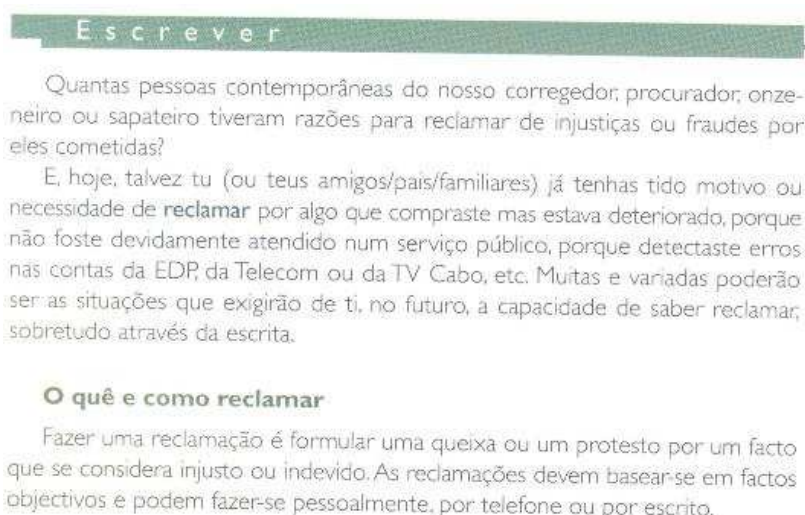


Figura 7 - Exercício de escrita do manual 2 - 9º ano

Isto também diz respeito às competências a atingir neste final de ciclo, que partem do princípio que todo o conhecimento explícito da língua já está adquirido e deve ser aqui treinado e não explorado. Há um aprofundamento na análise dos textos, o que sugere que os alunos já tenham uma capacidade maior para investigar e sejam capazes de ver o que está além do explícito nos textos. A leitura das obras obrigatórias, também, faz com que a fonética seja treinada. Daí estas áreas da linguística serem mais exploradas nestas faixas etárias. Também nestes manuais, mais que em manuais de ciclos anteriores verifica-se que há um treino mais exaustivo de outras técnicas e modelos de escrita, como é o caso da carta, entrevista, debate, entre outros.

A única diferença entre os dois manuais é que o conhecimento explícito da língua do manual um aparece só para ser treinado ao longo do manual como se já tivesse adquirido, embora os alunos tenham no final do manual o «Aprender sozinho» espécie de apêndice gramatical onde se pode recorrer caso haja dúvidas na resolução dos exercícios. Enquanto no manual dois, apenas aparece uma exposição de algum tema gramatical quando este se considere de dificuldade acrescida ou haja um aprofundamento desse mesmo tema.

4.2 Reflexão: Evolução da linguística nos manuais de língua portuguesa do ensino básico

Analisar a linguística em manuais do ensino básico não é uma tarefa fácil, não só pela diversidade de manuais que existem, mas também pela diversidade de exercícios que eles possuem para explorar os temas.

O que verifiquei foi que nos manuais do 4ºano e 6ºano a tipologia de exercícios para explorar os temas era muito semelhante, embora nos manuais do 1ºciclo os exercícios de fonética fossem mais frequentes.

Nos manuais do 2ºciclo, há uma discrepância quanto aos temas e formas como esses manuais exploram o conhecimento explícito da língua. Aparecem temas com exercícios para consolidar, como se já tivessem sido adquiridos no 1ºciclo e outros em que há uma explicação prévia dos temas, antes dos exercícios de auto-avaliação, ou para relembrar o aluno, ou como se o tema não tivesse sido trabalhado em anos anteriores. Não existe uma homogeneidade no tratamento dos temas e na forma como esse tratamento é feito.

Os manuais do 1ºciclo trabalham bastante a oralidade, o que diminui nos manuais do segundo ciclo e no terceiro ciclo quase desaparece.

Quanto ao conhecimento explícito da língua, no 3ºciclo os temas aparecem como adquiridos vão aparecendo exercícios ao longo do manual para os alunos trabalharem e se tiverem dúvidas recorrem ao apêndice gramatical que se encontra no final do manual. Por vezes, quando se quer fazer um aprofundamento de um tema aparece uma pequena ficha informativa e depois exercícios de treino (isto só no manual 2).

O que foi verificado ao longo deste estudo foi que os manuais dentro do mesmo ciclo não eram homogêneos no estudo da linguística, à exceção dos manuais do 9ºano que são muito parecidos no tratamento desta.

Os manuais do 9ºano exploram sobretudo a leitura e a análise de textos, enquanto o 1ºciclo e o 2ºciclo é o conhecimento explícito da língua.

Com este estudo concluiu-se que existe uma grande heterogeneidade na elaboração dos manuais escolares de língua portuguesa. Cabe aos docentes escolher o melhor manual que se adapte à realidade escolar da sua escola, tendo em conta os conteúdos programáticos adquiridos no ano anterior e as dificuldades apresentadas pelos alunos.

4.2.1 Considerações acerca da escolha dos manuais escolares de língua portuguesa no ensino básico

Como docente de língua portuguesa e tendo em conta as conclusões que obtive sobre os manuais escolares, sugiro que o docente de língua portuguesa quando no final de ciclo vai explorar os conteúdos programáticos que lhe dizem respeito, verifique sempre qual o manual escolar utilizado no ano anterior e se continha todos os conteúdos programáticos que deveriam ser explorados nesse ano. Caso contrário, o docente de final de ciclo deve providenciar materiais necessários e explorar esses temas.

Na minha opinião e como docente do segundo ciclo, deviam ser utilizados manuais das mesmas editoras, por exemplo, no 5ºano e 6ºano, porque assim não haveria dúvidas sobre os conteúdos leccionados no ano transacto, pois se não estivessem num manual, estaria no manual do ano seguinte, uma vez que as editoras têm acesso às competências a atingir no final de cada ciclo e os conteúdos programáticos pertencentes a cada ano escolar.

Aquando da escolha do manual, o docente de língua portuguesa deve ter em conta a estrutura do manual, no primeiro e segundo ciclo não devem ser escolhidos manuais com muita mancha gráfica e sem imagens, pois estamos numa faixa etária em que os alunos ainda gostam do lúdico, o que os motiva na aprendizagem. Se o manual for muito maçudo, isso desmotiva-os imediatamente.

O manual que for escolhido deve ter em conta que os alunos se esquecem facilmente dos conteúdos gramaticais, por isso, uma ficha informativa sempre que se inicie ou relembre um conteúdo gramatical é muito importante.

Não nos podemos esquecer, também, que os manuais escolares devem conter actividades que desenvolvam todas as competências que se encontram enunciadas no currículo nacional do ensino básico que são: compreensão do oral, expressão do oral, leitura, escrita e conhecimento explícito da língua.

Os docentes de língua portuguesa, também, devem explorar os materiais pedagógicos/didáticos, como CDs e DVDs que acompanham os manuais escolares e que motivam os alunos, porque estamos na era em que as novas tecnologias são utilizadas em todas as áreas.

Podemos verificar, que a escolha de um manual escolar não é tarefa fácil para o docente de língua portuguesa e uma vez que a disciplina é transversal a todas as outras a responsabilidade ainda é acrescida. Cabe aos docentes de língua portuguesa que

tenham o discernimento de fazer a melhor escolha, tendo em conta todos os aspectos aqui referidos.

Conclusões

Após esta análise aos manuais escolares, pude concluir que a forma como a linguística é trabalhada em cada um deles é bastante diferente ao longo do primeiro, segundo e terceiro ciclos do ensino básico.

No entanto, a tipologia de exercícios usados para trabalhar a linguística é muito parecida entre o primeiro e o segundo ciclo, trabalhando-se sobretudo o conhecimento explícito da língua.

No terceiro ciclo dá-se primazia à leitura e à análise textual, deixa-se um pouco de parte o conhecimento explícito da língua e parte-se do princípio que já foi adquirido em anos anteriores.

Ao longo deste estudo, constatou-se que a organização dos dois manuais de cada ciclo, por vezes, não é homogénea quanto aos temas que são trabalhados, sobretudo os da área do conhecimento explícito da língua. Possuindo os alunos um programa a cumprir durante o ano lectivo, não se entende o porquê de manuais do mesmo ano escolar não trabalharem os mesmos temas, ou então, uns apresentarem o tema como revisão e outros como conteúdo novo a apreender. Cabe ao docente de língua portuguesa fazer a exploração dos temas que os manuais não apresentam, mas que fazem parte do programa recorrendo a outro tipo de material que não o manual escolar. Daí a necessidade de o docente escolher bem o manual em função das suas turmas. O que se torna muito difícil, uma vez que, os manuais escolares não podem ser escolhidos todos os anos, nem são alterados todos os manuais de todos os anos de escolaridade num mesmo ano lectivo.

Em virtude do que analisei, de igual modo, verifiquei que se nota uma evolução dos temas linguísticos em cada nível de ensino. No primeiro ciclo, trabalha-se muito a fonética, a ortografia, a escrita e todos os temas do conhecimento explícito da língua, existindo uma ficha informativa e depois sendo efectuada a auto-avaliação. Enquanto no segundo ciclo, no conhecimento explícito da língua já se começa a notar a ausência da ficha informativa no tratamento de alguns temas, dando-se mais importância à escrita de textos e à oralidade. No que se refere ao terceiro ciclo há uma ausência quase total de fichas informativas e os exercícios do conhecimento explícito da língua aparecem aleatoriamente no meio do manual. Aqui dá-se mais primazia à leitura e à interpretação textual.

Os Manuais Escolares do Ensino Básico no Ensino da Linguística

Agora que vai começar uma nova era no ensino da língua portuguesa, com o novo acordo ortográfico e a Nova Terminologia Linguística para o Ensino Básico e Secundário, infelizmente, cabe-nos confiar nas editoras para que façam manuais escolares que apoiem os docentes e alunos, e apresentem manuais de acordo com os novos programas.

Referências Bibliográficas

Bibliografia Passiva

ALMEIDA, Onésimo Teotónio; Revista da Faculdade de Letras, nº 21-22 - 5ª Série, 1996/1997

BARRETO, Evanice Ramos Lima; Etnolinguística: pressupostos e tarefas. Revista *P@rtes*, Brasil, 2010

BAYLON, C. Sociolinguistique - société, langue e discours. Paris: Nathan, 1991

BRIGHT, William; Sociolinguistics: Proceedings. The Hague: Mouton, 1966

CARVALHO, José G. Herculano de; Teoria da Linguagem. Natureza do Fenómeno Linguístico e a Análise das Línguas. (Vol. I e II) Coimbra Editora, Coimbra, 1984

CASTELEIRO, João Malaca; Dicionário da língua portuguesa Contemporânea, Academia das Ciências de Lisboa, Edições Verbo, 2001

CASTRO, Rui Vieira de; Para a análise do discurso pedagógico. Constituição e transmissão da gramática escolar. Braga: Instituto de Educação e Psicologia, Universidade do Minho, 1995

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley; Nova gramática do português contemporâneo, Segunda Edição, Edições João Sá da Costa, Lisboa, 1984

CORREIA, João de Araújo; A língua portuguesa, Lisboa: Editorial Verbo [s/d, mas de 1959]

CHOPPIN, Alain; Les manuels scolaires, Histoire et actualité, Paris: Hachette, 1991

FERREIRA, Diana; Prof. Português na E.P. Novas Tecnologias, Revista Bimensal, Edição 16, PROFORMAR, Almada, Outubro 2006

FIORIN, José Luiz; Introdução à linguística, Vol. I e II, Editora Contexto, 2006

Os Manuais Escolares do Ensino Básico no Ensino da Linguística

GERARD, François-Marie; ROEGIERS, Xavier; Conceber e avaliar manuais escolares. Porto: Porto Editora, 1998

Gould, S. J.; The Mismeasure of Man. New York, NY: W. W. Norton and Company, 1981

GRAÇA, Adriana Silva; Referência e denotação - Um ensaio acerca do sentido e da referência de nomes e de descrições, Dissertação de Doutoramento, FLUL, 1999

HERMAN, Paul; Princípios fundamentais da história da língua, Tradução de Maria Luísa Shemann, Edição da Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 1970

JAKOBSON, Roman; Essais de linguistique générale. Paris: Minuit, 1963

JAKOBSON, Roman; Linguística e Comunicação, Editora Cultrix, 2001

KANDEL, Eric R.; Schwartz, James; Fundamentos da neurociência do comportamento, RJ, Guanabara Koogan, 1997

KANDEL, Eric R.; Schwartz, James; Principles of Neural Sciences, 2º Edition, Elsevier, 1985

MAGALHÃES, Justino; “Um apontamento para a história do manual escolar - entre a produção e a representação”. In Rui Vieira de Castro et al. (orgs.). Manuais escolares, estatuto, funções, história. Actas do I Encontro Internacional sobre Manuais Escolares. Braga: Instituto de Educação e Psicologia, Universidade do Minho, 1999

PERRENOUD, Phillipe; Dez Novas Competências para Ensinar. Porto Alegre: Artmed Editora, 2000

RAPOSO, Eduardo Paiva; Teoria da gramática : a faculdade da linguagem, 2ª edição, Lisboa: Caminho, 1992

SAUSSURE, Ferdinand de; Curso de Linguística Geral, São Paulo: Editora Cultrix, 1970

Silva, Paulo Neves da; Dicionário de Citações. Âncora Editora, 2009

SLAMA-CASACU, Tatiana; Language et contexte, Haia, Mouton, 1961

VIDIGAL, LUÍS; “Leitura e manuais escolares em Portugal na 1ª metade do século XX. Intercompreensão”. Santarém: Escola Superior de Educação, 1994

WAAL, Franz B.M.; Ape gestures and language evolution. Proceedings of the national academy of sciences, USA, 2007

XAVIER, Maria Francisca; Dicionário de Termos Linguísticos, Vol. 1, Associação Portuguesa Linguística, Edições Cosmos, Lisboa, 1990

ZABALZA, M.; Planificação e desenvolvimento curricular na escola. Porto: Asa Editora, 1992.

Bibliografia Activa

COSTA, Fernanda; Mendonça, Luísa. Na ponta da língua - língua portuguesa 6ºano, Porto Editora, 2005

Costa, Fernanda; Castro, Rogério de; Português De Palavra - língua portuguesa 9ºano, Porto Editora, 2003

MARQUES, Maria José; Santos, Maria Ascensão dos; Gonçalves, Armando; língua portuguesa 4ºano - Giroflé, Editora Santillana, 2006

PEREIRA, Cláudia; Borges, Isabel; Rodrigues, Angelina; Azevedo, Luísa; língua portuguesa 4, Areal Editores, 2010

RODRIGUES, Ana Isabel Serpa Goretti; Sousa, Henrique; Gomes, Maria do Carmo; Em directo 6ºano, Areal Editores, 2005

SERPA, Ana Isabel; Veríssimo, Artur; Amaral, Carmen; Rodrigues, Goretti; Viana, Graça; Sousa, Henriqueta; Costa, Rosário; Ser em português 9ºano, Areal Editores, 2004